

JOAQUIM DE OLIVEIRA GOMES

JORNAL DE TIMON E INCIDENTE EM ANTARES;
PERSPECTIVAS HISTÓRICAS, SOCIAIS E POLÍTICAS EM DOIS
MOMENTOS DA LITERATURA BRASILEIRA



1910001186



JOAQUIM DE OLIVEIRA GOMES

***JORNAL DE TÍMON E INCIDENTE EM ANTARES:*
PERSPECTIVAS HISTÓRICAS, SOCIAIS E POLÍTICAS EM DOIS
MOMENTOS DA LITERATURA BRASILEIRA**

São José do Rio Preto

2003



JOAQUIM DE OLIVEIRA GOMES

JORNAL DE TÍMON E INCIDENTE EM ANTARES :
PERSPECTIVAS HISTÓRICAS, SOCIAIS E POLÍTICAS EM DOIS
MOMENTOS DA LITERATURA BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Letras (Área de concentração: Teoria da Literatura).

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Gisèle Manganelli Fernandes



7.1.186/03

São José do Rio Preto

2003

1B869-31.09
G633

Gomes, Joaquim de Oliveira.

Jornal de Timon e Incidente em Antares: perspectivas históricas, sociais e políticas em dois momentos da literatura brasileira/ Joaquim de Oliveira Gomes. – São José do Rio Preto: [s.n.], 2003.

90 f. ; 30 cm.

Orientadora: Gisèle Manganelli Fernandes

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Literatura brasileira. 2. Ficção brasileira - História e crítica. 3. Ficção brasileira - Aspectos sociais. 4. Ironia. 5. Sátira política. 6. Lisboa, João Francisco, 1812-1863 - Jornal de Timon - Crítica e interpretação. 7. Veríssimo, Erico, 1905-1975 - Incidente em Antares - Crítica e interpretação. I. Fernandes, Gisèle Manganelli. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU 869.0 (81) -31.09

DADOS CURRICULARES DO AUTOR

JOAQUIM DE OLIVEIRA GOMES

NASCIMENTO: 18.09.1961 – Viana/MA

FILIAÇÃO: Joaquim Cutrim Gomes

Enide de Oliveira Gomes

1992/1996: Curso de Graduação: Licenciado em Letras

Universidade Federal do Maranhão

1998/2002: Curso de Pós-Graduação em Teoria da Literatura

Nível de Mestrado

2000/2003: Professor da Faculdade Atenas Maranhense



JOAQUIM DE OLIVEIRA GOMES

JORNAL DE TÍMON E INCIDENTE EM ANTARES :
PERSPECTIVAS HISTÓRICAS, SOCIAIS E POLÍTICAS EM DOIS MOMENTOS
DA LITERATURA BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Letras (Área de concentração: Teoria da Literatura)

Aprovado em __/__/__

Profª. Drª. Gisèle Manganelli Fernandes (Orientadora)

Profª. Drª Diva Cardoso de Camargo

Prof. Dr. Valdevino Soares de Oliveira



À minha irmã Ana Maria, pela descoberta do
mundo fantástico da literatura.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Gisèle Manganelli, pela maneira gentil, atenciosa e competente na orientação.

Ao Professor Doutor José Erasmo Campello, pela conquista ousada em oferecer a oportunidade a tantos maranhenses – egressos da UFMA, de se qualificarem.

Aos meus pais, Joaquim e Enide, pela garantia do saber.

Aos meus irmãos, Luis, Ana, Luisa e Benedito, pelo apoio, pela torcida, pela compreensão.

Aos sobrinhos Ferdinando, Jacqueline, Rafaella, Gisella, Gabriella, Melissa, Pâmela e Rafael.

A Lourival e Joaquim Monteiro, pelo apoio e incentivo.

Aos colegas e amigos de trabalho Lêda, Vitalina, Marlene, Conceição Cardoso, Concita, Sérgio e Jair, pela torcida e compreensão.

À Prof^a Anna Maria Saldanha, pelo incentivo.

À Prof^a Veraluce Lima, pela amizade e companheirismo.

A Sônia Almeida, amiga e amante das letras.

A D. Zenira, Nazaré, Liliam, Éster, Fátima, Risolet, Moscoso, Bélgica e Uidemar, pelo apoio e estímulo.

Às minhas primas de “Sampa”, D’Jesus, Melisandra, Miriam, Paula, Andréia, Cláudia e Bárbara, pela acolhida festiva e carinhosa.

Aos professores do Departamento de Letras do IBILCE, especialmente, Sérgio Motta, Ismael, Daghlían, Aguinaldo, pela atenção e respeito.

A Nanci e “Seu Oscar”, funcionários da Pós, pela atenção e competência.

Ao Professor Doutor José Mello, pela recepção, acolhida e respeito.



Aos Professores Rogério e Diva que tanto contribuíram, quando da qualificação

Aos amigos maranhenses de caminhada: Almerinda, Luciana, Rozuila, Tânia e Bete.

A todos os colegas do Projeto Prata da Casa, especialmente Miguel, Enéas e Dias, pela amizade e distinção.

À companheira Nádia, que já se foi com as suas histórias e seu jeito de ser, saudosas lembranças.

Aos amigos João e Deo, Vitor Hugo, Regina, Luzia, Joelma, Galvanda, Zé Maria, a turma: Adão, Otávio, Aroldo, Sandra, todos feitos ao longo desta caminhada.

Aos amigos riopretenses D. Carmem e família, Suely e família, Lúcio e Li, Seu João e família, D. Helena, D. Eudócia e família.

Aos colegas de Araraquara Ilza, Kátia, Mônica, Josefa, Dino, Ucy, Roselene e a Profª Rosário Gregolim.

A todos o meu

MUITO OBRIGADO!

“Nascem os homens iguais; um mesmo e igual princípio os anima, os conserva, e também os debilita, e acaba. Somos organizados pela mesma forma, e por isso estamos sujeitos às mesmas paixões, e às mesmas vaidades. Para todos nasce o Sol; a Aurora a todos desperta para o trabalho; o silêncio da noite, anuncia o descanso... O mundo não foi feito mais em benefício de uns, que de outros; para todos é o mesmo; e para o uso dele todos têm igual direito, ou seja, pela ordem de sua mesma instituição; todos achamos no mundo as mesmas partes essenciais”.

Matias Aires

“La literatura em general y la novela en particular son expresión de descontento: el servicio social que prestan consiste principalmente en recordar a los hombres que el mundo siempre estará mal hecho, que la vida siempre deberá cambiar”.

Mario Vargas Llosa

GOMES, J.O. *Jornal de Tímon e Incidente em Antares*: perspectivas históricas, sociais e políticas em dois momentos da Literatura Brasileira. 2003. 90f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, 2003.

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma leitura das obras *Jornal de Tímon* (1850), do maranhense João Francisco Lisboa, e *Incidente em Antares* (1971), de Erico Veríssimo, a fim de ressaltar a presença do aspecto político-social como unidade comum nestas narrativas, bem como a reescritura crítica da História realizada pelos autores. Foram analisadas as estratégias narrativas empregadas por João Francisco Lisboa e Erico Veríssimo, focalizando os narradores, os procedimentos de manipulação da voz, e a transformação do elemento histórico em Literatura. A partir da comparação dos textos, evidenciamos o diálogo existente entre estas obras, que retratam, em épocas diferentes, acontecimentos históricos, políticos e sociais de duas regiões do Brasil, o nordeste e o sul.

Palavras-chave: *Jornal de Tímon*; *Incidente em Antares*; Literatura Brasileira; Literatura e História; Aspecto político-social.



GOMES, J.O. *Jornal de Tímon e Incidente em Antares*: Historical, social and political perspectives in two moments of Brazilian Literature. 2003. 90f. Master thesis of Literary theory - Universidade Estadual Paulista, Câmpus of São José do Rio Preto, 2003.

ABSTRACT

This thesis presents a reading of *Jornal de Tímon* (1850), by the Maranhense writer João Francisco Lisboa, and *Incidente em Antares* (1971), by Erico Veríssimo, in order to show the presence of the social-political aspect as a common element in these narratives, as well as the critical rewriting of history done by the authors. The narrative techniques applied by João Francisco Lisboa and Erico Verissimo were analyzed by focusing on the narrators, the procedures of voice manipulation, and the transformation of the historical element into Literature. Through the comparison of these texts, the correspondence between the works were put in evidence, since they reveal, in different times, historical, political and social occurrences of two Brazilian regions: the Northeast and the South.

Keywords: *Jornal de Tímon*; *Incidente em Antares*; Brazilian Literature; Literature and History; Social and political aspect.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 JOÃO FRANCISCO LISBOA: O TÍMON MARANHENSE	16
1.1 A instância narrativa.....	20
1.2 Cenas da história maranhense em <i>Jornal de Tímon</i>	32
2 ERICO VERÍSSIMO: O HUMANISTA BRASILEIRO	37
2.1 A instância narrativa	39
2.2 Cenas da história do Brasil em <i>Incidente em Antares</i>	54
3 O DIÁLOGO ENTRE O HUMANISTA BRASILEIRO E O TÍMON MARANHENSE	68
3.1 O elemento político-social.....	69
3.2 O Jornal e o Incidente.....	73
3.3 A sátira, a ironia, a carnavalização	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS.....	85



INTRODUÇÃO

As fronteiras de um livro nunca são bem definidas por trás do título, das primeiras linhas e do último ponto final, por trás de sua configuração interna e de sua forma autônoma, ele fica preso num sistema de referências a outros livros, outros textos, outras frases: é um nó dentro de uma rede.

Michel Foucault

Quando pensamos na produção literária como possível de discussões sobre História e política, há obras que nos levam a essas reflexões e acabam por merecer a nossa atenção para análise. E isso ocorreu ao lermos o *Jornal de Timon* (1852), de João Francisco Lisboa e *Incidente em Antares* (1971), de Erico Veríssimo.

A leitura das obras levou-nos a verificar que existia uma comunicação muito forte entre elas, como se essas obras se relacionassem por meio de situações diversas, experimentadas pelas suas personagens. A partir de então, consideramos a possibilidade de um diálogo entre o publicista maranhense João Francisco Lisboa e o romancista gaúcho Erico Veríssimo.

As obras em questão datam de épocas diferentes e se ocupam de maneira distinta da matéria da vida. Enquanto o *Jornal de Timon* realiza um estudo crítico sobre as eleições nos períodos da Antigüidade, Idade Média e Tempos Modernos e, também, sobre os Partidos e eleições no Maranhão, *Incidente em Antares* conta-nos a história de uma pequena cidade gaúcha, desde a sua formação até os anos de 1971, com todos problemas oriundos de sua formação política.

Interessa-nos aqui estabelecer uma possível aproximação entre as duas obras, a fim de comprovarmos a existência de um fazer político capaz de manter no poder as classes



dominantes, ainda que isso ocorra no Maranhão, um dos Estados mais pobres da federação, ou no Rio Grande do Sul, mais rico e politicamente mais atuante no cenário nacional.

Com isso, pretendemos demonstrar, por meio da análise dos textos, o elemento político-social, o esforço empreendido pelas classes dominadoras, notadamente no *Incidente em Antares*, para manterem-se no comando das esferas representativas do poder e, por outro lado, das manobras realizadas pelos políticos, para continuarem no poder, descritas no *Jornal de Tímon*.

Obviamente, este estudo não pode ser calcado nas conhecidas diferenças entre o Nordeste/Norte e o Sul do país, pois esta seria uma atitude muito simplista e não contribuiria para a compreensão dos elementos que nos levam a fazer uma comparação das obras. Assim, resolvemos verificar como estes dois escritores recriam, por meio da linguagem os elementos históricos nas duas obras. Por um lado, João Francisco Lisboa encaminha-se para uma postura mais contundente e irônica, enquanto Erico Veríssimo se realiza no tecido ficcional mais descompromissado com o real.

Por meio do estabelecimento de nexos de identidade entre as duas obras, *Jornal de Tímon* e *Incidente em Antares*, investigamos as relações entre História e Literatura, revelando a concepção de História dos dois escritores.

Para tanto, utilizamos textos teóricos relevantes para análises apresentadas, a saber: teoria das vozes da narrativa de Gérard Genette (1979) e Oscar Tacca (1983), teoria da carnavalização de Bakhtin (1981); teoria do fantástico na literatura, com Tvezan Todorov(1970); estudos teóricos sobre a ironia, com Linda Hutcheon (1991) e Muecke (1995); estudos teóricos sobre a História, a Literatura, com Hayden White (1994).

Dialogamos, também com outros estudiosos, a exemplo de Antônio Cândido (1965), Fábio Lucas (1989), José Veríssimo (1998), Flávio Loureiro Chaves (2001), dentre outros.

Assim, Genette e Tacca, com seus estudos sobre o narrador, ofereceram condições para o reconhecimento e significação de diferentes vozes nos textos: Bakhtin para o estudo da subversão da ordem, através da carnavalização; Todorov para compreensão da função do fantástico; Linda Hutcheon e Muecke para identificação da ironia como função corretiva e Hayden White (o discurso histórico), para o relacionamento da ficção com a história e da nova narrativa histórica.

O método de trabalho permitiu que se estabelecesse o cenário em que esses autores viveram, caracterizando-lhes as condições existenciais e as da população à sua volta, ou que lhes antecederam. O pano de fundo estabelecido revelou aspectos comuns entre o mandonismo maranhense e o caudilhismo, subjacentes nas duas obras.

O trabalho está organizado da seguinte forma - uma Introdução, três capítulos, em que o primeiro discorre sobre o autor maranhense, sua obra, a instância narrativa e cenas da história maranhense; o segundo apresenta o escritor gaúcho, sua obra, a instância narrativa e cenas da história do Brasil; o terceiro realiza o encontro do Humanista Brasileiro com o Tímon maranhense, a partir do confronto das obras, abordando o aspecto político social, a sátira, a ironia e a paródia; e uma parte dedicada às Considerações Finais, o que nos leva a crer que ao estabelecer o diálogo entre João Francisco Lisboa e Erico Veríssimo estaremos, a partir da análise dos fatos históricos à luz da literatura, propiciando ao leitor uma nova postura frente aos problemas políticos e sociais vivenciados no Brasil, vindo a adquirir consciência histórica capaz de empreender leituras mais profundas sobre o homem como um ser político e social.

Por outro lado, trazer João Francisco Lisboa para um centro acadêmico fora do contexto maranhense significa ampliar seu campo de estudo, à medida que novos leitores poderão se interessar pela sua obra, dada a sua temática, forma de apresentação e valor literário que possui. Quanto a Erico Veríssimo, também acreditamos que, com este trabalho, poderemos aumentar o interesse acadêmico das suas obras, extrapolando principalmente o Rio Grande do Sul, Estado com maior número de pesquisas acadêmicas de suas obras.



CAPÍTULO 1

1 JOÃO FRANCISCO LISBOA: O TÍMON MARANHENSE

Um escritor só é realmente grande quando temos de voltar aos seus textos para construir nosso próprio caminho. João Francisco Lisboa está entre eles.

Josué Montello

João Francisco Lisboa nasceu em 22 de março de 1812, na fazenda de seus avós maternos, hoje o município de Pirapemas, no interior do Estado do Maranhão. Ainda menino, muda-se para São Luís, ficando na capital até os onze anos quando retornou para Pirapemas. Quatro anos mais tarde, já órfão de pai, volta para São Luís e vai trabalhar em uma loja comercial, permanecendo nessa atividade por dois anos.

Ao deixar o trabalho, dedica-se inteiramente aos estudos sob a orientação de renomados mestres da época, destacando-se dentre eles o professor de Latim, Francisco Sotero dos Reis. Nesse sentido, podemos dizer que João Francisco Lisboa foi autodidata, como aponta Mário Meireles, em sua obra *História do Maranhão*, ao discorrer sobre o “Grupo Maranhense”, denominação dada aos grandes pensadores, oradores, autodidatas, professores daquela época que tornaram a São Luís do Maranhão na Atenas Brasileira.

Destacando esses ilustres homens, como o tradutor Odorico Mendes, o poeta Gonçalves Dias e o prosador João Francisco Lisboa, Meireles toma o poeta como a figura de maior destaque, enquanto a João Francisco Lisboa como o primeiro na prosa:

Dentre os segundos, os prosadores, a figura maior é, sem dúvida, a de João Lisboa, historiador e publicista, sem títulos universitários e simples discípulo de Sotero dos Reis, que também não os teve. (MEIRELES, 2001, p. 262)

A propósito da Atenas Maranhense, Lima (2001), explica:

Durante os primeiros 40 anos que se seguiram à Independência, o Maranhão foi uma das principais referências culturais do Brasil, por isso mesmo cognominado de Atenas Brasileira – título que, na época, representava a suprema glória, pois supunha a existência, numa ilha afortunada do Norte, de uma constelação de celebridades tão iluminada quanto os luminares da antigüidade grega.

Na época, o Brasil não contava com Universidades. Existiam os cursos de Medicina, na Bahia e no Rio de Janeiro, e os de Direito em Pernambuco e São Paulo. Daí o costume de os maranhenses de famílias abastadas enviarem seus filhos para a Europa, a fim de cursarem a Universidade de Coimbra, em Portugal. Isso não foi possível para João Francisco Lisboa, que estudou apenas em São Luís, com o Professor Sotero dos Reis, homem ilustre, o qual logo reconheceu o talento do dedicado discípulo.

Com vinte anos de idade, João Francisco Lisboa começa sua carreira de jornalista no periódico *Brasileiro* (1832), para daí passar por vários jornais, atuando como jornalista, editor, diretor e fundador. Foram eles: *Farol Maranhense* (1833), *Eco do Norte* (1834), *Crônica Maranhense* (1838) e o *Jornal de Tímon* (1852). Trabalhou ainda para o jornal *Correio Mercantil* e *Jornal do Comércio*. Sempre combativo e irrepreensível, João Francisco Lisboa constrói sua carreira como jornalista e prosador, destacando-se dentro e fora do Maranhão.

Além do ofício de jornalista, foi Secretário de Governo e participou da Assembléia Provincial do Maranhão. Sobre o cargo de Secretário do Governo, João Lisboa publica, no *Eco do Norte*, o seguinte comentário:

[...] mais de um lugar havemos rejeitado, e quanto ao de secretário, aceitamo-lo: 1º por nos julgarmos com capacidade para bem desempenhá-lo; 2º para termos de que viver honestamente; 3º porque o governo com quem íamos servir merecia a nossa estima e confiança. (LISBOA apud NISKIER, 1986, p. 23)

Era comum João Francisco Lisboa justificar seus atos por meio dos jornais em que trabalhava, por compreender que era um homem público, um formador de opinião, que sempre esteve à frente das manifestações, lutando, denunciando e combatendo os desmandos políticos.

Em sua época, São Luís do Maranhão era “[...] uma acanhada capital de menos de trinta mil habitantes, marcada pela forte presença portuguesa, resíduo do antigo estado do Maranhão e do Grão-Pará.” (CARVALHO, 1995, p.10). O Brasil vivia a época romântica de Gonçalves Dias, seu conterrâneo, e de Joaquim Manuel de Macedo Costa. Era o início de uma literatura nacional. João Lisboa, em sintonia com o que acontecia na Europa e no Brasil, procura construir sua obra sem provincialismo, dando-lhe uma amplitude universal.

Essa marca está presente desde o início de sua carreira como jornalista. Ele logo, passou a figurar entre os melhores prosadores da sua época, sendo o *Jornal de Timon* o que mais contribuiu para sua repercussão nacional.

Vejamos as observações de alguns escritores e críticos sobre João Lisboa e sua obra:

Bem limitado é o nosso mundo literário, e entre o pequeno número dos que se dedicam às letras são bem raros aqueles que a uma grande experiência dos nossos homens e das nossas coisas, ao dom de observar e de pintar ao vivo o que observam, reúnem como o seu Timon, lição tão variada, estilo tão fácil e castigado, sobretudo uma madureza de pensamento e precisão de idéias como de quem tem vivido no Gabinete, com os homens de outrora, e no conciliábulo e imprensa com os nossos de hoje. (DIAS apud NISKIER, 1986, p. 37-38).

João Francisco Lisboa, grande entre os grandes na tradição acadêmica, é meu conterrâneo. Nasceu no interior do Maranhão, à margem do rio Itapecuru. Tudo quanto soube, ele o aprendeu por si mesmo. Tem esse ponto de concordância com Machado de Assis. É o autodidata por excelência, com o gosto dos estudos históricos e a paixão do jornal. (MONTELLO apud NISKIER, 1986, p. 09).

A sua obra principal, começada a publicar em 1852, é o *Jornal de Timon*, obra sem precedentes na nossa língua e uma das mais originais da nossa literatura. (VERÍSSIMO, J., 1996, p. 253).

A capacidade de analisar os problemas políticos do Maranhão e a grandiosidade em manipular as palavras foram sendo reconhecidas pelos mais importantes homens de diferentes épocas, como podemos observar, a partir de seu contemporâneo Sotero do Reis:

É este o escritor brasileiro que melhor se presta a um estudo da personalidade sob o ponto de vista evolutivo. Sua obra é-lhe um comentário da vida, ou melhor, a vida é um comentário da sua obra. (ROMERO, 1986, p. 92).

Entre todos esses vultos de talentos superiores que colocamos em lugar próprio nesta espécie de galeria jornalística, o Sr. João Francisco Lisboa, que à força e lucidez do pensamento reúne em subido grau e vigor, a majestade e o colorido da expressão, encarnando as suas concepções sob as formas as mais apropriadas, vestindo-as dos trajes os mais adequados, ornando-as com os matizes os mais delicados, impondo-lhes os ademanos os mais expressivos, e animando-as para assim dizer com os traços da sua pena, parece-nos ser o mais preeminente e grandioso vulto que se apresenta aos olhos do observador. (REIS apud NISKIER, 1986, p. 92)

A linguagem de Lisboa é a que bem se casa com o seguro critério, o claro entendimento, o espírito penetrante e a austeridade de princípios, de historiógrafo, amigo e admirador de Alexandre Herculano e que tanto ilumina alguns capítulos de nossa história. (LESSA apud NISKIER, 1986, p. 91).

As narrativas e reflexões do *Jornal de Tímon*, murmuradas num “obscuro e pequeno canto do mundo”, perfizeram o itinerário inverso: fruto do silêncio do publicista, trocando a ênfase pelo juízo irônico, buscando por trás dos costumes e das ideologias as molas ocultas do comportamento humano, elas soam como palavra íntima, em que os recursos expressivos da língua são o instrumento de uma crítica da experiência. Mesmo em seu lhano pessimismo, ainda enamorado da fé liberal na autocorreção da humanidade, João Francisco Lisboa, nosso último grande neoclássico, prefigura o humor corrosivo e penetrante de Machado de Assis. (MERQUIOR, 1979, p. 48).

Tímon, como ficou conhecido João Francisco Lisboa, é o Patrono da cadeira de nº 18 da Academia Brasileira de Letras. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sediado no Rio de Janeiro, por solicitação do poeta Gonçalves Dias. Nessa época João Lisboa

trabalhou como colaborador do *Jornal Correio Mercantil* e do *Jornal do Comércio*, durante sua estada no Rio de Janeiro.

João Lisboa faleceu em Portugal, na cidade de Lisboa, em 1863. Deixou as seguintes obras: *A Festa de N. S. dos Remédios* (1851), *A festa dos mortos ou a procissão dos mortos* (1851), *Teatro São Luís* (1852), *A Questão do Prata* (1852).

1.1 A instância narrativa

O *Jornal de Tímon* foi editado três vezes, como aponta Santos (2000, p. 22), em seu livro *Uma Leitura Pragmática do Jornal de João Francisco Lisboa*: “Desde a sua publicação, o *Jornal de Tímon* conta hoje com três edições, sendo as duas primeiras ludovicenses e a terceira lisboeta.

Optamos por trabalhar com a edição maranhense pertencente à coleção Documentos Maranhenses, da Academia Maranhense de Letras. Nesta edição, o Professor Jomar Moraes, Presidente da Academia Maranhense de Letras, faz um resumo bibliográfico da vida do Tímon Maranhense.

A Companhia das Letras, em sua coleção Retratos do Brasil, editou, em 1995 o *Jornal de Tímon*, trazendo apenas a parte que contempla os “Partidos e eleições no Maranhão”.

Já a Academia Brasileira de Letras, em 1996, inicia a sua Coleção Academia Brasileira, com a publicação do *Jornal de Timon*, sob a responsabilidade de Arnaldo Niskier, ocupante da Cadeira de nº 18, da qual João Lisboa é o Patrono. Neste livro, encontramos um

pouco da vida do jornalista, de suas atividades, de como foi recebido pela crítica, da importância de seu trabalho.

O *Jornal de Tímon* inicia-se com um “Prospecto”, parte introdutória de sua narrativa, em que João Francisco Lisboa se apresenta como “[...] um grego nascido e criado nas históricas margens do soberbo Itapecuru” (LISBOA, [198– ?], p. 11), para, em seguida, explicar a utilização do pseudônimo:

O leitor perguntará agora naturalmente a que propósito este nome de Tímon? Que sei eu? Esse nome, ilustrado por um dos mais belos talentos da literatura moderna, pertenceu na antigüidade a um homem singular e estranho que, azedado pela injustiça e ingratidão que com ele usaram alguns dos seus conterrâneos, votou um ódio tão entranhável ao gênero humano, e de maneira o reputava entregue aos crimes e aos vícios, que se pagava mais do desprezo que da estima dos homens. (LISBOA, [198– ?], p. 11)

Continua João Lisboa em seu “Prospecto” falando sobre Tímon, para que os seus leitores pudessem compreendê-lo:

Referem-se dele muitos ditos, uns agudos e felizes, outros apenas saturados de fel e ódio. Jantando certo dia, não com um amigo (que os não tinha), mas com o único homem com quem fazia alguma convivência, exclamou este: *Ó que delicioso jantar!* “Certamente, acudiu Tímon, se tu não participasses dele”. Alcebiades acabava de orar, e obtivera do povo a aprovação de projetos favoráveis à sua ambição, porém nocivos ao Estado. Tímon que esquivava a todo o mundo, adiantou-se para ele, e tomando-lhe amorosamente as mãos — “Ânimo (lhe diz) meu filho! Se continuas por este teor, breve arruinarás a república.” Em outra ocasião subiu à tribuna, e dirigindo-se ao povo que o escutava estupefacto e silencioso, pelo desusado da cena: — “Atenienses (exclamou), possuo algumas braças de terreno, em que pretendo edificar. Há nele uma figueira em que alguns honrados cidadãos se têm enforcado; e como tenho de derribá-la, faço aviso aos que se quiserem utilizar dela, para que se dêem pressa, e não percam um só instante.” (LISBOA, [198– ?], p. 11)

Convém ressaltar por essas atitudes que, Tímon foi chamado de Misanthropo.

João Lisboa, ainda sobre Tímon, assim se expressa:

Tímon era homem de engenho, amigo das letras não menos que da virtude; mas azedado pelo triunfo e preponderância do crime e do vício, tornou-se tão rude de maneiras e linguagem, que alienou todos os espíritos. Alguns contendem ainda que pelo seu zelo exagerado, perdeu ele a ocasião de contribuir para o bem; todos porém são acordes em que uma virtude ríspida e intratável ocasiona menos perigo que uma cobarde e vil condescendência. (LISBOA, [198- ?], p. 11- 12)

Mais adiante, o autor do *Jornal* expõe o que pretende o Tímon maranhense:

De mim o digo, que sem aspirar ao renome e glória do espirituoso Tímon parisiense, pois me falece cabedal e engenho para poder, não já competir com ele, mas seguir de longe seu rastro luminoso, espero ao menos não ser acusado da feroz misantropia do ateniense. Se os meus quadros forem argüidos de sombrios e carregados em demasia, irei buscar a sua justificação no próprio jornalismo contemporâneo, onde a cada passo deparo as pinturas mais tenebrosas e medonhas da depravação e opróbrio dos nossos tempos. Toda a diferença está em que o jornalismo político denuncia o mal acidentalmente, segundo as necessidades da ocasião, em ódio deste ou daquele partido, e de certas e determinadas pessoas, imputando cada qual e repreendendo nos outros, o que nega, desculpa ou atenua em si; ao passo que Tímon, alheio a todas as parcialidades, tão distantes do ódio e da amizade como do temor e da esperança, toma por empresa e tenção particular sua fazer uma pintura sistemática, severa e imparcial. (LISBOA, [198- ?], p.12)

O *Jornal de Tímon* está assim distribuído: “*Eleições na Antiguidade*” – *Esparta e Atenas, Roma – na República e no Império*. O que Tímon faz nesta primeira parte é um estudo sobre os sistemas eleitorais da Antiguidade. Depois segue-se o estudo das “*Eleições na Idade Média e Tempos Modernos*” – *Roma Católica, Inglaterra, Estados Unidos, França e Turquia seguido de um Epílogo*; “*Partidos e Eleições no Maranhão*” – dividido em nove partes, “*Tímon e seus Leitores*” e “*Considerações Gerais*”.

No tocante à recepção da obra, José Veríssimo (apud NISKIER, 1986, p. 90) declara:



O *Jornal de Timon* compreende os mais profundos estudos históricos sobre as coisas do Brasil, e com especialidade do Maranhão, desde os mais remotos tempos coloniais, precedidos de uma série de quadros, em que o autor, sob nomes supostos, mete a ridículo, a mesquinha política, os partidos de província de seu tempo, acompanhados de estudos históricos, igualmente profundos, sobre o sistema eleitoral dos antigos gregos e romanos, bem como o dos povos modernos. É uma obra que tem merecido os maiores elogios dos mais abalizados críticos nacionais e estrangeiros. Por muitos aspectos é porventura ele o mais poderoso escritor brasileiro. [...]

É essa obra, única na literatura nacional, que principalmente distingue João Lisboa entre os nossos escritores. É uma sátira da melhor qualidade, do mais elevado espírito, cheia de humor, de graça e de imaginação.

Já o consagrado romancista brasileiro Joaquim Manuel de Macedo atribui ao *Jornal de Timon* a responsabilidade pelo seu reconhecimento nacional. O poeta e historiador Gonçalves Dias, em carta a Lisboa, a propósito do *Jornal*, assim declara:

Timon é hoje, e o será ainda mais no futuro um livro raro: raro, digo – no sentido de muito estimável: obra de política mas não de partidos – ao alcance de todas as inteligências e ao mesmo tempo conscienciosa, – profunda sem esforço, severa sem azedume, é talhada para todos, para andar nas mãos de todos, para ser igualmente estimada por todos. (DIAS apud NISKIER, 1986, p. 38).

Em seu “Prospecto”, o jornalista João Francisco Lisboa fala sobre o que apresentará a seus leitores em seu jornal. *Timon* é um ser ficcional, cuja voz pintará o quadro dos costumes políticos; a partir dessa voz narrativa, o leitor receberá

[...] o estudo e exame da nossa vida política, ou antes, da vida dos nossos partidos pretendidos políticos, e o da sua influência sobre os costumes e a moral pública e privada já de si um assunto tão vasto como elevado [...]. (LISBOA, [198– ?], p. 11).

João Lisboa, para garantir melhor compreensão e separação entre a voz timoniana e a sua, apresenta uma explicação para o seu leitor sobre esta denominação, *Timon*. Vejamos: “O leitor perguntará agora naturalmente a que propósito este nome de *Timon*?” Lisboa, então, cede a voz ao outro – o *Timon*, um sujeito ficcional, criado por ele, com um único propósito:

“Mas o seu fim primário ficará sendo sempre a pintura de nossos costumes políticos; [...] (LISBOA, [198– ?], p. 10)

É por meio da voz de Tímon que iremos conhecer o *Jornal de Tímon*. Uma voz que vai narrando fatos históricos e relatos, ora por meio de fontes ditas documentais, ora por meio de deduções. O leitor, a partir da primeira parte “Eleições na Antiguidade (Esparta e Atenas)” será conduzido por uma voz em primeira pessoa que se encarregará de narrar, de descrever, de analisar a vida política de cada época. Dessa forma, aparecerão histórias e fatos que formarão o quadro e as condições de cada país. Tímon constrói a sua narrativa cedendo lugar para outras vozes. Para isso, vale-se do uso das aspas e do travessão para marcar essa transferência da instância narrativa. Podemos citar dois momentos: o primeiro, ao tratar da corrupção em Esparta, praticada também pelos seus oradores: “Aludindo aos muitos presentes que recebia dos inimigos da sua pátria, dizia rindo: ‘Quando casar minha filha, o dote será feito à custa das potências estrangeiras.’ (LISBOA, [198–?], p. 20). Um segundo, ao mencionar a substituição de um Presidente da Província do Maranhão encontrando-se com o novo Presidente e seus amigos no Palácio:

Estiveram por alguns momentos sem poder dizer palavra, abismados num eloqüente silêncio; mas para logo o interromperam, proferindo sem procedências, sem nexos e a espaços, o que se vai agora ler.

___ Dá-se por uma igual a esta?

___ Como o patife olhava para mim com ar de escárnio quando passei pelo portão!

___ Quem diria que tal acontecesse quase em vésperas de eleição! (LISBOA, [198– ?], p. 88).

Outra forma de tomar a voz de transferência da voz de que se vale Tímon é através dos jornais locais, principalmente quando discorre sobre “Partidos e Eleições no Maranhão”. É como se Tímon quisesse garantir autenticidade e ao mesmo tempo se eximir de

juízos. Nesse propósito, Tímon indica a “fonte” que lhe prestara as informações, a fim de, supostamente, apagar qualquer dúvida. Vejamos estes momentos:

Alguns dos meus piores leitores suscitarão dúvidas talvez sobre a exatidão deste retrato, julgando que estou a pintar de fantasia um monstro verdadeiramente horaciano, composto todo de traços diversos e heterogêneos. Mas eu tenho por mim não só o testemunho universal de uma grande cidade, senão também a autoridade fidedigna do porteiro do tesouro e do almoxarife do hospital, a quem, provendo já estas dúvidas, fui consultar, na sua qualidade de testemunhas oculares, pois sei que como empregados ou pretendentes que eram, assistiram a diversos atos a que S. Ex^a. também era presente.[...]

Pelo que toca ao seu caráter, talento, instrução, e mais partes, deixarei que falem por mim as suas obras, e os periódicos das diversas especialidades que logo na manhã imediata à posse, deram sinal de si pelo teor seguinte:

(ARTIGO DA TROMBETA Nº)	(ARTIGO DO POSTILHÃO Nº)
No dia 14 do corrente entrou neste porto o vapor <i>S. Sebastião</i> trazendo a seu bordo o Ex.mº Sr. Bernardo Bonifácio Montalvão de Mascarenhas, presidente nomeado para esta até então infeliz província. [...].	No dia 14 do corrente mês fundeou neste porto, vindo do Sul, o vapor <i>S. Sebastião</i> , trazendo a seu bordo o Ex.mº Sr. Dr. Bernardo Bonifácio Montalvão de Mascarenhas, presidente nomeado para esta província.)

Outra maneira de manipulação do tecido narrativo, em João Francisco Lisboa, aparece na presença de uma voz que fala sobre o Tímon. Nesse momento, Tímon se afasta para deixar que outra voz se manifeste, ou seja, outro narrador. Para melhor compreensão, apontamos algumas passagens em que este procedimento ocorre: “E outras muitas observações por este teor e jeito, que em obséquio à brevidade, Tímon se vê obrigado a omitir.” (LISBOA, [198– ?], p. 88), ou ainda:

E Tímon, bem longe de contestar a opinião e conceito em que o público o tinha, declara aqui nuamente para edificação da posteridade, que o doutor Afrânio, homem sem talento, ignorante, madraço quanto às obrigações de um homem sério, vadio, dissipado, taralhão, tagarela insuportável, político sem convicções e dignidade, oberado de dívidas, devorado de ambição e necessidades, já corrompido pelo sistema das transações a que se arremessara, era nada menos um dos principais chefes de partido nesta

heróica província, em cujos destinos exercia decidida preponderância, ora hostilizando, ora dominando absolutamente os seus dignos presidentes. Como se fazia semelhante milagre, Tímon o ignora. (LISBOA, [198-?], p.116).

Vemos, assim, a presença de outra voz narrativa, que se projeta antes da voz timoniana, como se quisesse garantir na mente do leitor a existência desses dois planos, ou seja, um plano de voz mediado pelo Tímon, a voz ficcional, e um outro plano permeado pelo próprio autor/locutor, conforme podemos comprovar com mais um exemplo: “Tímon, de resto, quando pinta o mal, sem exagerá-lo, é certo, mas sem dissimular também toda a sua grandeza e intensidade, não entende nisso estabelecer a negação absoluta do bem”. (LISBOA, [198- ?], p. 188).

Para assegurar o seu distanciamento sobre o que está sendo narrado, o autor se insere no discurso para falar do óbvio, daquilo, principalmente, que já é do conhecimento do leitor. O que Tímon quer é mostrar para os leitores o modelo político de sua geração, para que as gerações vindouras realizem os seus projetos políticos de outra forma.

Para melhor compreensão do *Jornal de Tímon*, achamos necessário discorrer sobre alguns aspectos que de certa forma contribuirão para o nosso exame. O *Jornal de Tímon* foi publicado no período de 1852 a 1858. Em 1852, publicado pela primeira vez em São Luís, sob a responsabilidade do seu autor, o “Jornal” tem como objetivo apresentar um estudo sobre a vida dos partidos políticos.

O gênero adotado pelo autor é o de uma espécie de revista dos “costumes do tempo”, como aponta Veríssimo, J. (1998, p. 253), em sua *História da Literatura Brasileira – de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*, em que dedica quatro páginas ao trabalho de João Francisco Lisboa. Para ele, sua obra é “sem precedente na nossa língua e uma das mais originais da nossa literatura”. Segundo sua análise, o *Jornal de Tímon*, dividido

em três partes, apresenta a seguinte estrutura: a primeira, sobre as eleições nos tempos anteriores ao nosso e encerra “um bom estudo histórico, em estilo ameno” (VERÍSSIMO, J., p. 254); a segunda, sobre os partidos políticos e eleições no Maranhão em que se faz mais contundente no estilo irônico; a terceira e última parte é relativa à história do Maranhão e, por extensão, a do Brasil.

Ainda com relação às análises feitas, Veríssimo, J., (1998, p. 255) declara:

Havia, entretanto, em João Lisboa um romancista e, esta intenção prova que ele próprio o sentia. Provam-no, porém, melhor As eleições e os partidos no Maranhão, ruim título de uma excelente porção do *Jornal de Tímon*, onde há cenas, diálogos, invenções, descrições, criações de tipos, figuras e situações fartamente reveladores de que não carecia João Lisboa, antes as tinha em grau relevante, das qualidades de imaginação, sem falar nas de expressão, de um bom romancista.

Nesse aspecto, Veríssimo (apud NISKIER, 1986, p. 90), afirma sobre o *Jornal de Tímon* que “[...] o tom é em parte o do romance e, por mais de um toque, João Lisboa precedeu os nossos realistas e naturalistas.”

Quanto a esse aspecto de que João Francisco Lisboa precedeu os realistas e os naturalistas, devemos salientar que a época do autor maranhense era a dos românticos: do poeta Gonçalves Dias, seu conterrâneo, amigo e admirador, do romancista Joaquim Manuel de Macedo, só para citar alguns.

João Lisboa foge ao estigma do romântico resignado, mas assume o espírito do “nostálgico”, entendido aqui como insatisfeito, sem contudo experimentar o “mal do século” ou vislumbrar na “morte” a porta para o infinito, a grande recompensa. Prima pela liberdade, pelo ser livre, pela realização do homem universal.



O *Jornal de Tímon* foge ao paradigma de um estilo de época, uma vez que apresenta pontos diferenciados de vários comportamentos estéticos. A presença de aspectos realista e naturalista na obra a antecipa em sua realidade histórica, se considerarmos que a expressão estilo de época compreende uma filosofia de vida, um patrimônio cultural perene. Dessa maneira, João Francisco Lisboa rompe com o que está vivenciando (o sentimento romântico em sua essência) para introduzir um texto com uma linguagem moderna (o termo moderno aqui entendido como atual), cujo *leitmotiv* é a realização de um estudo sobre os partidos políticos, em que o realismo e o naturalismo, tendências artísticas que só se realizariam no Brasil no período de 1881 a 1893, com Machado de Assis e Aluísio de Azevedo, ao publicarem os romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *O Mulato*, respectivamente, são observáveis no texto. O que segue é uma comprovação dessa tendência naturalista na obra:

Dos bairros mais escusos da capital, dos arrebaldes, e do interior da ilha e da província, acode um enxame de miseráveis, que atraídos pelo amor do ganho ou da novidade, impelidos pelas *influências*, se repartem em bandos, conforme o número dos partidos ou centros de reunião a que possam afiliar-se. (LISBOA, [198-?], p. 133).

Quanto ao aspecto realista, Tímon se volta para as coisas do seu tempo, do seu mundo real, ou seja, da matéria da vida, e vai ficcionalizando-a. O mundo real é o espelho de suas investigações.

Quanto à sua linguagem, Santos (2000, p. 25) declara:

A linguagem, o tema e o comentário propiciam melhor ordenação ao discurso (donde a tipologia do discurso) independe de tempo e lugar, comprovando sem maiores problemas o de que ora se trata. O *Jornal de Tímon* de João Francisco Lisboa é um exemplo de discurso político que se preocupa em dar conta do caráter de atividade, de intencionalmente e de finalidade da linguagem, pois sendo texto, é antes de tudo interação verbal.

E Santos (2000, p. 25) conclui que:

Dessa forma, é graças à peculiar engenharia da teia de relações da linguagem que João Lisboa projeta o presente por malhas lingüísticas que remetem para o passado/futuro tendo em vista o princípio bem/mal ser próprio da natureza humana.

Com a publicação do *Jornal de Tímon*, João Francisco Lisboa pôde apresentar para o Brasil um texto diferente, em que a forma, o estilo e o tema serviram para torná-lo uma obra ímpar na Literatura Brasileira. Daí, os escritores, poetas, historiadores e críticos literários terem interesse pela obra, pois o *Jornal de Tímon* revela a trajetória humana do Brasil, num dado momento e pode servir para que algum “esquadrinhador de antiguidades [...] beber uma ou outras notícias com que instrua ou deleite os seus contemporâneos”. (LISBOA, [198– ?], p. 13).

O *Jornal de Tímon* continua atual, quer pela forma de apresentação quer pelo tema evocado. O seu interesse reside na capacidade que tem de reunir a um só tempo a história dos partidos políticos, desde a antiguidade até os tempos atuais. E que tempos? Se pensarmos que Tímon se limita ao final do Século XVIII. E que tempos? Se pensarmos que o Brasil ainda produz, no seu fazer político, malabarismos para a manutenção no poder daqueles que sempre estiveram à sua frente. E que tempos? Tempos de uma São Luís provinciana e esquecida. Tempos de um Brasil de então e de hoje, que ainda caminha trôpego na tentativa de tornar-se um país justo e capaz de ser uma grande potência mundial, em que as desigualdades regionais desapareçam. Sabe, no entanto, que para isso é preciso olhar para a “vida” dos seus partidos políticos.

Outro fator que nos chama a atenção é a questão da verdade, ou seja, como a verdade é trazida pelas vozes presentes na obra. Tímon também tem a preocupação de declarar que tudo o que está sendo dito é verdadeiro ou que tomou o cuidado de certificar-se

de tal fato. Assim, ele diz: “O que posso asseverar é que nas memórias que consultei tudo se acha ponto por ponto, bem e verdadeiramente como aqui o transcrevo. (LISBOA, [198– ?], p. 157).

A questão da natureza da verdade sempre foi objeto de discussão, basta apontarmos os filósofos, historiadores, juristas, etc. No campo da literatura, sabemos que essa preocupação com o verdadeiro também se apresenta. Já Aristóteles (apud SOUSA, p. 1966), na sua *Poética* encaminha a questão da verdade para duas vertentes: de um lado, a verdade enquanto fato real que seria de natureza histórica e de, outro, enquanto fato imaginário se voltaria para a literatura, para a arte. Assim, “o historiador só poderia falar a respeito daquilo que aconteceu, a respeito dos pormenores do passado; por outro lado, o poeta falaria sobre o que poderia acontecer, e assim poderia lidar mais com os elementos universais”. (HUTCHEON, 1991, p.142). Essa separação implicaria na questão da apropriação da verdade, ou seja, a quem caberia resgatar a verdade: à História ou a à literatura? A literatura, como sabemos, é arte. Como arte isenta-se da responsabilidade de trazer a verdade, mas cria as suas próprias verdades. Para Fischer (apud HUTCHEON, 1991, p.146),

[...] a literatura não é um discurso que possua ou deva ser falso [...] é um discurso que, precisamente, não pode ser submetido ao teste da verdade; ela não é verdadeira nem falsa, e não faz sentido levantar essa questão: é isso que define seu próprio *status* de ‘ficção’.

O poeta Carlos Drummond de Andrade, em seu poema intitulado *Verdade*, fala-nos da impossibilidade de se atingir toda a verdade, porque a verdade “[...] era dividida em metades diferentes umas das outras”. E encerra declarando:

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
Seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

Assim, o *Jornal de Tímon*, enquanto narrativa literária, não traz uma verdade estabelecida, mas apresenta verdades possíveis de se realizar no seu tecido narrativo, embora seus narradores procurem manter uma atmosfera de veracidade sobre o que estão contando. Esse artifício é somente para conquistar parceiros, de modo a lhes levar até o fim de suas histórias.

O *Jornal de Tímon*, como já registramos, encontra-se cheio de vozes narrativas, que completam o sentido do texto. Enquanto gênero romance, corresponde ao que Tacca (1983, p. 17-18) propõe: “[...] o romance é um complexo e subtil *jogo de vozes*”. E diz mais:

O romance é a imagem depurada de uma certa dimensão do mundo: aquela que é dada pelo que o homem sabe por si e pelos outros, e , sobretudo, pelo que sabe que não sabe, de si e dos outros. É, em suma, uma espécie de recomposição do mundo, operada pelo leitor a partir de uma limitada quantidade de informações, habilmente repartida entre autor, narrador e personagem.

É assim que tomamos a obra de João Francisco Lisboa – um texto que pretende apresentar uma imagem do fazer político, desde a Antiguidade até os dias atuais, segundo dados colhidos à luz da percepção de seus interlocutores.

No tocante à maneira do narrar, o romance oferece várias possibilidades para esse fim, como observa Tacca (1983, p. 25): “[...] o romance, por seu turno, é uma luta entre as múltiplas maneiras possíveis de contar algo”. No capítulo *Partidos e eleições no Maranhão*, Tímon inicia sua narração pela categoria temporal, para então pintar o quadro político desejado.

Dessa forma, temos a intenção do autor: contar algo que ocorreu numa determinada época, em que os elementos da ficção vão surgindo, à medida que a história vai

se compondo. O envolvimento se faz necessário, pois, como sabemos, o romance “é talvez aquele que, com maior exigência, envolve o destinatário”. (TACCA, 1983, p. 142).

O destino do *Jornal de Tímon* era certo. Tímon tinha consciência disso, pois em sua narrativa buscava sempre seus parceiros, valendo-se da expressão “leitor”, uma forma de manter o diálogo aberto, estratégia utilizada por vários autores que, como João Francisco Lisboa, recorreram a esse modo para se dirigirem a seus destinatários, como podemos comprovar:

Amigo leitor (Fielding), leitor indulgente (Hawthorne), bela leitora (Sterne), pio leitor (Quevedo), oh, leitor malévolos (Stendhal), leitor convencido (Marechal) [...]. (TACCA, 1983, p. 144)

Assim, todo o texto parece vaticinado a ter um destinatário, cujos produtores são conscientes desse destino.

1.2 Cenas da história maranhense em *Jornal de Tímon*

No Maranhão de João Francisco Lisboa, assim como no resto do Império, circulou um grande número de periódicos, que geralmente tinha vida curta e se destinava ao combate de interesses políticos de determinados grupos. Esses periódicos, além dessa função, traziam títulos muitas vezes “provocativos”, a exemplo de “A Palmatória” (1822), o “Amigo do Homem” (1824), o “Piparote” (1826), a “Folha Medicinal” (1824), dentre outros.

Com a entrada de João Francisco Lisboa na esfera jornalística, em 23 de agosto de 1832, no jornal *Brasileiro*, essa situação combativa vai continuar com maior expressividade.

Pelos periódicos se constrói o pensamento dos habitantes da Província do Maranhão, sempre divididos entre o bombardeio severo dos editores e a manipulação dos fatos reais.

No *Jornal de Tímon*, no capítulo dedicado aos “Partidos e Eleições no Maranhão”,

Tímon chama a atenção para os nomes que recebiam os periódicos e os partidos políticos:

As aves do céu, os peixes do mar, os bichos do mato, as mais imundas alimárias e sevandijas já não podem dar nomes que bastem para designá-los, a eles e a seus periódicos, os cangambás, jaburus, bacuraus, muruças, papistas, sururus, guaribas e catingueiros. (LISBOA, [198– ?], p. 109).

Continuando, ele esclarece:

Assim, os partidos os vão buscar nas suas pretendidas tendências e princípios, nos ciúmes de localidades, nas disposições antimetropolitanas, na influência deste ou daquele chefe, desta ou daquela família, e eis aí a rebentar de cada clube ou coluna de jornal, como do cérebro de Júpiter, armados de ponto em branco, o partido liberal, o conservador, o centralizador, o nortista, o sulista, o provincialista, o federalista, o nacionalista, o nacional, o antilusitano, o antibaiano, o republicano, o democrático, o monarquista, o constitucional, o ordeiro, o desorganizador, o anarquista, o absolutista, o grupo Santiago, o grupo Pantaleão, os afranistas, os bavistas, a camarilha, a cabilda e o pugilo. (LISBOA, [198– ?], p. 109).

Fato, também, pitoresco que Tímon revela é quanto ao “nascimento” e à “morte” desses partidos. No tocante ao nascimento, ele o atribui às complicações da política, “por isso a cada nova complicação de política provincial, aparecem novos partidos; não se sabe donde saídos, e como organizados.”. (LISBOA, [198– ?], p.110).

Esse fato também merece de Tímon uma análise mais profunda:

Às vezes uma só noite tem visto um partido escachar-se ao meio, e um dos troços ligar-se ao partido contrário para se tornar a separar com violência e estrondo dentro de poucos dias; outras, abandonam-se os aliados no mesmo campo da batalha, e voltam-se contra ele as armas, como fizeram os saxônicos a Napoleão em Leipzig; e não é de todo sem exemplo que durante uma curta campanha, e no ardor da luta, os combatentes tenham trocado uns com os outros as duas bandeiras, princípios e invocações. (LISBOA, [198– ?], p. 110).

Após esses momentos de separação, desavenças, vêm os de união:

Com o andar dos tempos, vão as cisões em tal aumento, e multiplicam de maneira, que é mister empregar o processo posto para que não venha tudo por fim a ficar reduzido a simples individualidades; e começam então as ligas, fusões, coalizões, e conciliações, sendo às vezes de pasmar como parecem minguar os partidistas, por mais que os partidos se afilem, fundam e refundam. (LISBOA, [198– ?], p.110).

Conforme Tímon apresenta, surge um novo partido, cuja “certidão de batismo” torna-se pública através dos periódicos, diríamos, um capítulo à parte, para os moradores do lugar:

Quando menos se espera, em uma bela manhã, ou antes numa bela tarde, começa a distribuir-se um periódico em duas ou três colunas, ou mesmo em quarto de papel, intitulado o Curica, o Ferrão, o Jararaca, a Lanterna, o Chicote, o Farol, o Pregoeiro, ou o Independente, (o nome não faz ao caso) o qual anuncia *urbi et orbi* que na noite de ... em casa do cidadão F... houve uma brilhante e numerosa reunião da gente mais grada da capital; que se demonstrou o estado miserável a que tem chegado esta bela província, digna de melhor sorte, sob a funesta influência dos atuais dominadores, e o como era mister centralizar e dirigir a opinião que por toda parte se manifestava contra eles; e como enfim se criara uma comissão diretora,, e ficara assentado que todos os maranhenses, sem distinção de partidos, e abafando os seus antigos ressentimentos, cuidassem seriamente de unir-se e conciliar-se para desmornarem a influência ominosa que os avilta e oprima. (LISBOA, [198– ?], p. 110).

A partir dessas observações de Tímon, podemos assegurar que os Partidos Políticos se formam movidos por interesses pessoais, regionais, nacionais, ocasionais, sem, contudo, representarem um segmento ideológico da sociedade. Comumente fazem parte do bloco de apoio ao governo, empreendem uma política do “dar e receber”, sempre em benefício de seus membros e dos familiares destes. Assim, Tímon afirma que:

Em geral os nossos partidos têm sido favoráveis ao governo central, e só lhe declaram guerra, quando de todo perdem a esperança de obter o seu apoio, contra os partidos adversos que mais hábeis ou mais felizes souberam acareá-lo para si. Desta quase universal pretensão e dura necessidade de agradar ao governo resultam às vezes as situações mais embaraçosas, complicadas, cômicas e risíveis. (LISBOA, [198– ?], p. 112).

Para oferecer maior comprovação aos seus estudos, Tímon descreve dois líderes políticos de sua época, no Maranhão. O primeiro é o doutor Afrânio, Chefe do Partido Cangambá, e o segundo, o doutor Bavio, do Partido Muruçoca. Ambos se pareciam, como aponta Tímon, “Frente a frente com o doutor Afrânio, andava o doutor Bavio, redator-em-chefe da *Trombeta* e luzeiro do partido *muruçoca*, que tão desabrida oposição fizera ao Sr. Anastácio Pedro”. (LISBOA, [198– ?], p. 116).

O Sr. Bavio mostrou-se perigoso para os seus adversários, não hesitava em difamar, caluniar e insultar aqueles que tentassem enfrentá-lo. As suas ações eram justificadas pelas exigências do partido: “[...] a tática e as conveniências dos partidos assim o exigem”.(LISBOA, [198– ?], p.117).

Por outro lado, tínhamos o Sr. Bartolo, que representava a reserva moral e o bem:

Não obstante, o doutor Bartolo se havia constituído o apóstolo exclusivo da moralidade pública, e bradava de contínuo contra a corrupção dos contemporâneos e a má fé dos seus colegas, sustentando que só ele compreendia e exercia dignamente o sacerdócio da imprensa [...].(LISBOA, [198– ?], p. 118).

Como sabemos, a imprensa era um braço importante e forte para a ação política, principalmente por pertencer a determinados grupos formados por homens detentores de poder econômico. Por isso, esses homens eram recebidos nos gabinetes governamentais, possuíam regalias e viviam aspirando a elevados cargos. Assim fala Tímon:

O pobre do pretendente vivia entretanto a cortejar o seu partido, e não saía de palácio, sendo força confessar que os nossos dignos presidentes o recebiam com muita deferência, sem dúvida dominados pela importância da sua elevada posição social, quero dizer, pela sua riqueza, que como se sabe, é um grande elemento de ordem, e dá aos que a possuem o caráter, o nome e todas as virtudes de *homem de bem*. (LISBOA, [198-?], p. 119, grifo do autor)

Dessa maneira, Tímon deixa claro que tanto os partidos políticos quanto a imprensa são formados por grupos econômicos que terminam por interferir na vida política de modo a satisfazer interesses pessoais.



CAPÍTULO 2

2 ERICO VERÍSSIMO: O HUMANISTA BRASILEIRO

Todos os bons livros se assemelham no fato de serem mais verdadeiros do que se tivessem acontecido realmente, e que, terminada a leitura de um deles, sentimos que tudo aquilo nos aconteceu mesmo, que agora nos pertencem o bem e o mal, o êxtase, o remorso, e a mágoa, as pessoas e os lugares e o tempo que fez. Se você conseguir dar essa sensação às pessoas, então você é um escritor.

Ernest Hemingway

O escritor brasileiro Erico Veríssimo, a nosso ver, pouco tem sido estudado no meio acadêmico, com exceção do Rio Grande do Sul, sua região. Natural de Cruz Alta, pequeno lugarejo do Estado do Rio Grande do Sul, conheceu desde cedo o apogeu e a decadência de sua família. Na capital do Estado, trabalhando em jornalismo literário, publica o livro de contos *Fantoches*, o primeiro passo para firmar-se como escritor. Daí a afirmação de Alfredo Bosi que: “só há um romancista brasileiro que partilha com Jorge Amado o êxito maciço junto ao público: Erico Veríssimo”. Mesmo assim, a sua obra carece de uma crítica mais apurada como, também, observou Bosi (1997, p. 460) que reconhece que a sua obra tenha “[...] conhecido amiúde reservas da crítica mais sofisticada.”

Para Lucas (1989, p. 169), Erico Veríssimo é:

Um romancista popular, um dos mais populares da história literária brasileira, que denota conhecimento satisfatório das modificações que se operam no mundo contemporâneo e nas técnicas da ficção, sem passar-lhes recibo por inteiro.



A temática sulina está presente em quase toda a sua ficção, notadamente em *O Tempo e o Vento*, composto pela trilogia *O Continente* (1947), *O Retrato* (1951) e *O Arquipélago* (1961), onde pode reconstruir a história do povo gaúcho. Personagens como o Capitão Rodrigo e Ana Terra tornaram-se a marca da escritura de Erico Veríssimo, pelas suas grandezas no modo de ser.

Com os romances *O Senhor Embaixador* (1965), *O Prisioneiro* (1967) e *Incidente em Antares* (1971), Erico Veríssimo empreende uma nova etapa na sua escritura, em que o elemento político-social se sobressai.

A partir de 1932, com a publicação do livro de contos chamado *Fantoches*, desenvolveu sua carreira de escritor, inclusive, traduzido para outras línguas. *Olhai os Lírios do Campo* (1938) obra adaptada para a televisão como novela, *O Tempo e o Vento* e *Incidente em Antares*, como mini-série, foram exibidas pela Rede Globo de Televisão, o que permitiu um maior contato com o público brasileiro, pois essas obras alcançaram, com a exibição na televisão, um expressivo número de vendagem de seus livros.

No conjunto de sua obra, tratou de mostrar figuras humanas representativas, a luta entre famílias, em geral a vida do povo gaúcho, bem como as transformações sociais, que sofreram. Teve sua personalidade atraída pelo tempo histórico do ambiente e pelo fluxo de consciência das personagens, conforme referencia Bosi (1997, p. 461).

Escreveu, ao todo, quinze obras: sendo um livro de contos, "*Fantoches*", (1932), seguido dos romances: "*Clarissa*", (1933), "*Música ao Longe*", (1935), "*Caminho Cruzado*", (1935), "*Um Lugar ao Sol*", (1936), "*Olhai os Lírios do Campo*", (1938), "*Saga*", (1940), "*As Mãos de Meu Filho*", (1942), "*O Resto é Silêncio*", (1943), "*O Tempo e o Vento*" – trilogia: I. *O Continente*, (1949), II. *O Retrato*, (1951), III. *O Arquipélago*, (1961),

“Noites”, (1954), “O Senhor Embaixador”, (1965), “O Prisioneiro”, (1967), “Incidente em Antares”, (1971).

Erico Veríssimo faleceu em Porto Alegre, em 1975, vítima de um enfarto, notabilizando-se por “seu cálido liberalismo socializante, que é a suma ideológica da relação que sempre estabeleceu com o próximo.” (BOSI, 1997, p.467)

2.1 A instância narrativa

O romance *Incidente em Antares* (1971), conta-nos a história da fictícia cidade de Antares, localizada próxima à cidade de São Borja, no interior do Rio Grande do Sul, desde o seu surgimento nos idos de 1830 até os terríveis anos de 1970, em que é historiado o confronto das famílias fundadoras da cidade – os Vacarianos e os Campolargos. Estas famílias, para se manterem no poder, empreendem lutas, assassinatos, roubos e desmandos políticos, culminando com um “incidente”, ou seja, a volta de sete mortos insepultos, que exigem os seus sepultamentos, mas antes revelam toda a podridão que existia no meio político e social da cidade de Antares.

Desta narrativa, com uma estrutura episódica de 181 capítulos, extraímos a denúncia de um tempo real, em que a censura, o medo e o abuso de poder, produzem uma metáfora do Brasil pós-64. *Incidente em Antares* está dividido em duas partes; a primeira trata de Antares, desde a época em que era uma pequena povoação até chegar à condição de cidade com os problemas comuns de uma cidade em desenvolvimento nas esferas política, administrativa, econômica e social. A segunda parte compreende o “incidente”, isto é, a

presença dos mortos em praça pública revelando os desmandos políticos e os crimes realizados pelos seus dirigentes.

Os capítulos são predominantemente curtos e iniciam quase sempre com marcações temporais e, às vezes, se unem um ao outro sem que haja quebra entre o que havia sido tido e o que se havia iniciado a dizer. Isso produz um efeito imediato no leitor que se vê preso na teia narrativa como mais um desses personagens de Erico Veríssimo, cuja grandeza aparece na capacidade de resolver os impasses que a vida oferece, seja pela bravura de “Um Certo Capitão Rodrigo” ou no silêncio proposital de uma “Ana Terra”, para apenas citar dois personagens apaixonantes desse autor.

Fábio Lucas (1989, p. 169), ao analisar os romances verissimeanos *O Senhor Embaixador* e *Incidente em Antares*, afirma que:

Ambos os romances considerados se apresentam na forma convencional do gênero: romances coletivos, narrados na terceira pessoa, regidos por um ponto de vista onisciente, apoiados em processos descritivos de cenários e caracteres, organizam um enredo enovelado de incidentes, episódios, reflexões e circunstâncias, mais presos ao trivial dos dias do que à devastação dos abismos da mente.

Esses incidentes e episódios, apontados por Fábio Lucas, giram, principalmente, em torno das duas famílias tradicionais de Antares. Isso ocorre com mais intensidade na primeira parte do livro, pois quando do “incidente”, na segunda parte, as famílias já estabelecem relações amigáveis .

Por causa da rivalidade dessas duas famílias, a cidade de Antares é dividida em entre os que são Vacarianos e os que são Campolargos, como registra em seu diário o Prof. Martim Francisco Terra, personagem que, ao mudar-se para a cidade, observa o ambiente que predomina no lugar:

Mal chegamos a Antares e já nos querem envolver nas brigas locais. Esta cidade em matéria de rivalidade tem um caráter por assim dizer binário. No futebol ou se é do Fronteira F. C. ou do S. C. Missionário, e não há como escapar. Na vida social, ou se é do Clube Comercial ou do Clube Caixeiral. Já me perguntaram se pertenço ao grupo do Dr. Lázaro Bertioga ou ao do Dr. Erwin Falkenburg, os dois médicos mais importantes e antigos da terra, inimigos de morte um do outro.(VERÍSSIMO,E., 1971, p.152)

O que vemos sintetiza o ambiente criado pelas famílias tradicionais de Antares, que manipulam toda a população, determinando espaços e estabelecendo direções, o que permitiria identificar de que lado cada morador estaria, sem excluir os que ali chegassem., os quais teriam também de optar por um ou outro representante político.

Para melhor compreensão dessa situação de Antares, apresentamos um quadro com as famílias e suas gerações, seguido das instituições do lugar:

FAMÍLIAS – 1830		
VACARIANO	X	CAMPOLARGO
Francisco	X	Anacleto
Antão	X	Benjamim
SÉC. XX		
Xisto	X	Benjamim
Xisto	X	Zózimo
Tibério	X	Zózimo
PARTIDOS POLÍTICOS		
VACARIANO	Partido Liberal	Imperialistas – chamados de Maragatos
CAMPOLARGO	Partido Conservador	Republicanos – chamados de Pica-paus
JORNAL		
VACARIANO	–	A Verdade
CAMPOLARGO	–	A Federação – da Capital
CLUBE DE FUTEBOL		
VACARIANO	–	Fronteira F. C.
CAMPOLARGO	–	Esportivo Missionário S.C

Quadro 1 – Famílias de Antares e respectivas gerações

Vemos, por esse quadro, que a cidade era totalmente dividida nesses dois blocos: os dos Vacarianos e os dos Campolargos. Essa divisão termina por contribuir para o crescimento da cidade, pois as duas famílias rivais tomam para si a necessidade de ser melhor uma que a outra, além do desejo de permanência no poder, sem contudo se preocuparem com os efeitos nocivos que pudessem trazer para a sociedade.

Esta rivalidade deu-se principalmente no início do surgimento da cidade, pois o Cel. Vacariano – Francisco Vacariano, seu primeiro governante, não tinha tanta “habilidade” para construir uma cidade. Somente com a chegada do Senhor Anacleto Campolargo que o Cel. Vacariano passa a cuidar melhor das questões políticas, como observamos:

Homem de algumas letras, Anacleto Campolargo organizou na vila o Partido Conservador, o que bastou para que Chico Vacariano, até então um tanto indiferente em matéria de política, tratasse de organizar o Partido Liberal. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 11)

A rivalidade das famílias fez de Antares uma cidade dividida em dois territórios, exigindo de quem ali chegasse um posicionamento sobre de que lado estaria, embora essa rivalidade viesse a ser “abrandada”, com a amizade entre o Cel. Tibério Vacariano e D. Quitéria Campolargo, cuja tentativa de aproximação entre as famílias ocorrera na geração anterior, estimulada pelo jovem político Getúlio Vargas, que, a bem do Rio Grande do Sul, promoveu o encontro dos dois chefes de famílias – Xisto Vacariano e Benjamim Campolargo. O encontro foi marcado por expectativa e ironia, como mostra a seguinte passagem:

- Quem governa o Brasil – prosseguiu Getúlio – são ora os mineiros ora os paulistas, a famosa fórmula “café com leite”. Soltou uma risada. — Não é justo que o chimarrão tenha também a sua vez? [...]
- Pois agora me digam sinceramente que é que ganham sendo inimigos? Quem perde é Antares e o Rio Grande.
- Autorizo ao senhor, coronel, a dizer publicamente, a quem quiser, que foi meu pai, que fui eu, dois republicanos que o procuraram para fazer esta proposta de paz. Que me diz, Cel. Benjamim?
[...] Getúlio tornou a fazer um apelo:
- Vamos, apertem-se as mãos? O que passou, passou.
[...] Seguiu-se um momento de constrangido silêncio em que nenhum dos dois adversários crônicos parecia querer ser o primeiro a dirigir a palavra ao outro. Por fim o Cel. Campolargo, fazendo um esforço sobre si mesmo, olhou enviesado para Xisto e murmurou:
- Como vai a sua patroa? [...]
- Bem. E a sua?
- Ué ... morreu no ano passado. Não sabia?
- Benjamim encabulou. Tinha esquecido o óbito por completo.
- Desculpe! Meus pêsames. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 36 – 37)

Desse episódio registramos a presença do jovem Getúlio Vargas, um homem que saiu da vida para entrar na História, após governar o Brasil nos períodos de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954, tempos marcados por ações populistas e intranquilidade política. O narrador *do Incidente em Antares* parece antever as ações de Getúlio Vargas, pois ainda um jovem deputado, com apenas quarenta e dois anos de idade, consegue uma “façanha” impensável: a união do velho Xisto Vacariano e Benjamin Campolargo. Segundo esse narrador, Getúlio Vargas era um:

[...] homem sereno, de feições e maneiras agradáveis, sabia usar a cabeça com lúcida frieza e possuía qualidades carismáticas ainda não de todo reveladas plena e publicamente. Dizia pouco mas perguntava muito. Frio, solerte, sabia jogar com dois fatores importantes na vida: o tempo e as fraquezas humanas. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 33-34).

Continuando com a narrativa, Getúlio Vargas explica ao seu modo o porquê daquele encontro:

— Perdoem-me pela “traição” – disse ele.
— Quando os fins são bons, às vezes temos de fechar os olhos à natureza dos meios. Foi essa única maneira que encontrei para juntar numa mesma sala dois antigos adversários pessoais e políticos. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 34-35).

Assim, o jovem Getúlio Vargas conseguiu que os dois inimigos se cumprimentassem encerrando a rivalidade existente entre ambos, embora alguns fatos iriam contribuir para uma “união” passageira ou que seria ignorada por todos. O que poderia ser registrado dessa união seria a forma de como o jovem Getúlio iria traçar sua carreira política, buscando sempre atender aos “fins” sem dar importância aos “meios”.

A união das famílias Vacariano e Campolargo foi publicada nos principais jornais, uma prova de que a paz chegara a Antares, mas a rivalidade não cessara com apenas a assinatura de um manifesto. Os dois coronéis sucumbiram logo depois do pacto e deixaram

claro para seus descendentes que entre as famílias não haveria amizade. Com a palavra o Cel. Benjamim Campolargo, que falecera “algumas” horas depois da celebração do acordo: “___ Me tragam álcool para eu me desinfetar. Toquei na mão dum Vacariano. Dizem que falta de vergonha é doença contagiosa”. (VERÍSSIMO, E., 1971, p.38).

Quanto ao Cel. Xisto Vacariano, também morrera “[...] menos de semana mais tarde, com o ventre rasgado pela cornada dum boi xucro que seu lenço vermelho provocara” (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 38).

Como já apontamos, a relação cordial entre as famílias só foi possível de se estabelecer com a geração do Cel. Tibério Vacariano e a matriarca D. Quitéria Campolargo, esposa de Zózimo Campolargo. Era costume os Vacarianos visitarem o sobrado dos Campolargos. Tibério e D. Quita, assim ela gostava de ser chamada, pois detestava o nome de batismo, viviam se provocando com piadas e censuras. A relação de amizade entre eles era bem estreita, o que permitia, sem a menor cerimônia deixar o coronel Tibério soltar expressões chulas, ainda que trocando uma letra do palavrão, durante as suas conversas. O que segue é uma prova desse fato, quando da visita dos Vacarianos aos Campolargos, com o propósito de relatar uma viagem ao Rio de Janeiro, no inverno de 1954, em que estão presentes D. Lanja, esposa do Tibério, e Zózimo, marido de D. Quitéria:

___ Como vai o teu “amigo”?[...]

___ O Getúlio está jodido.

___ Tibé! – exclamou Lanja, erguendo a cabeça, as orelhas subitamente avermelhadas. Zózimo sorriu canhestro. Quita, porém, soltou uma risadinha em que se notava um leve ronron de gato. Costumava dizer a amigos e familiares que não tinha medo nem vergonha de palavras.

___ Diga por que, Tibé – pediu ela – mas não me venhas com potocas.

___ Ué !? Por que eu havia de mentir?

___ Sempre puxas brasa para a tua sardinha pessedista que, por sinal, já está podre. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 72, grifo nosso).

A amizade existente entre o Cel. Tibério e D. Quita produz no “imaginário” do povo um certo envolvimento afetivo entre os dois, mas o que há é uma afinidade pessoal entre eles, o que os atrai é o gosto pela política, pela disputa.

O narrador em *Incidente em Antares* constrói o seu fazer narrativo de diversas maneiras, como podemos observar no exemplo que destacamos a seguir:

O incidente que se vai narrar, e de que Antares foi teatro na Sexta-feira 13 de dezembro do ano de 1963, tornou essa localidade conhecida e de certo modo famosa de noite para o dia – fama um tanto ambígua e efêmera, é verdade – não só no Estado do Rio Grande do Sul, como também no resto do Brasil e mesmo através de todo o mundo civilizado. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 2).

Assim, o jogo do revelar e esconder, na obra, vai se tornando mais nítido, exigindo do leitor o desvelamento da história, mas essa não é uma tarefa fácil, pois o narrador vai continuar com esse jogo, como ele mesmo esclarece no seguinte trecho:

Bem, mas não convém antecipar fatos nem ditos. Melhor será contar primeiro, de maneira sucinta e imparcial quanto possível, a história de Antares e de seus habitantes, para que se possa ter uma idéia mais clara do palco, do cenário e principalmente das personagens principais, bem como da comparsaria, desse drama talvez inédito nos anais da espécie humana. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 2).

O narrador numa alternância constante vai mostrando e escondendo fatos, desviando a atenção do leitor para proteger o clímax da história. A voz narrativa é expressão de poder, um poder centrado na palavra, pois é com ela, por exemplo, que se estabelece o diálogo e se rompe paradigmas, se tece a dor e se criam armadilhas, se enobrecem as ações e se instaura o caos.

O narrador em *Incidente em Antares* é daquele tipo que sabe tudo e que só conta o que acha necessário ser contado. Além de julgar e fazer comentários, ele transfere a sua voz para outros personagens, a fim de evidenciar os diferentes ângulos dados a um mesmo fato. O que segue é uma amostra desse procedimento:

– “sabe tudo”:

Mais tarde, naquela mesma noite, no leito conjugal, com Lanja a seu lado, ressonando tranqüilamente, Tibério recordou a hora que passara com a rapariga. Que fêmea mais bem– feita de corpo! Uma potranca de raça – [...] Em cima dela sentira-se com vinte anos menos. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 68).

– “só conta o que quer”:

A esta altura da presente narrativa é natural que o leitor esteja inclinado a perguntar se não existiam em Antares homens de bem e de paz, com comportamento e sentimentos cristãos. A pergunta é pertinente e a resposta, sem a menor dúvida, afirmativa. Havia, sim, e muitos. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 24).

– “julga”:

Não fez, porém, nenhuma alusão direta aos macabros acontecimentos da antevéspera e da véspera. Foi uma missa triste, quase como as de sétimo dia. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 457).

– “faz comentários”:

Como era de se esperar, os pró–homens de Antares haviam detestado o livro que, no ano anterior, fora discutido a portas fechadas numa reunião convocada pelo prefeito especialmente para esse fim. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 136).

– “transfere a voz” – início do diário do Prof. Martim Francisco Terra:

Antares. O nome me encanta e intriga. Como se explica que, nesta região onde outrora foram as reduções jesuíticas, encontra–se hoje uma cidade com nome de estrela e não de santo? (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 149).

Outra forma de transferência da voz narrativa é verificada por meio da impressão que algumas personagens têm de outra. Por exemplo, quando D. Quitéria Campolargo fala sobre o Cel. Tibério Vacariano para o pesquisador Martin Francisco:

O Tibério é um velho chineiro e desfrutável. Viveu metido em negociatas durante o Estado Novo e os outros Estados que se seguiram. Tem duas mulheres, o salafrário, a legítima e a amante. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 182).

Segundo Fábio Lucas (1989, p. 183), a onisciência do narrador em *Incidente em Antares* poderia tornar o romance monótono. Porém, a adoção de vários recursos estilísticos, retóricos e narrativos presentes na obra quebra essa possível monotonia, como o próprio teórico observa: “essa onisciência do narrador em Érico Veríssimo, nesse caso, é temperada por permutações subjetivas que se manifestam principalmente nos diários”

Num jogo de discurso direto e indireto, o narrador do *Incidente em Antares* vai construindo seu texto. O discurso direto funciona como uma cessão da voz narrativa para a aparição de outras vozes que vivenciaram o acontecimento, uma forma de maior aproximação do verossímil na ficção. Já o indireto mantém a autoridade narrativa, pois a palavra continua com o narrador, é ele quem toma para si as vozes dos personagens, configurando o que Genette (1979) chama de discurso narrativizado ou contado. Essas duas formas permeiam todo o romance, numa alternância equilibrada.

Para Genette, (1979) o que importa no tocante à voz narrativa é a presença ou não do narrador na história. Chamou de heterodiegético o narrador ausente da história, e homodiegético o narrador presente como personagem da história narrada. Portanto, testemunha de seu tempo e de si mesmo, que exerce o papel de relator de suas angústias, em que a expressão do “eu” é carregada de emoção, uma emoção mais acentuada do que a emoção do narrador em 3a. pessoa, pois parece relatar uma história à qual é estranho, visto dela não participar como personagem diegético, vivenciando o já vivenciado por outros, como percebemos no primeiro capítulo de *Incidente em Antares*, a partir da primeira frase:

Afirmam os entendidos que os ossos fósseis recentemente encontrados numa escavação feita em terras do município de Antares, na fronteira do Brasil com a Argentina, pertenciam a um gliptodonte [...]. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 1).

E mais ainda, no Capítulo VI, quando narra a chegada da família Campolargo a

Antares:

No verão de 1860 chegou ao conhecimento de Chico Vacariano que um certo Anacleto Campolargo, criador de gado e homem de posses, natural de Uruguiana, ia comprar terras nas proximidades de Andares. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 10).

É dessa forma que o narrador vai conduzindo a sua história até o seu final, sempre assumindo uma postura de observador sem participar da diegese. Assim conclui a última cena da história, decorridos sete anos após o “incidente”, ao introduzir o diálogo entre um funcionário público e seu filho:

Aconteceu passar ali nessa hora um modesto funcionário público que levava para a escola, pela mão, seu filho de sete anos. O menino parou, olhou o muro e perguntou:

— Que é que está escrito ali, pai?

— Nada. Vamos andando, que já estamos atrasados...

O pequeno, entretanto, para mostrar aos circunstantes que já sabia ler, olhou para a palavra de piche e começou a soletrá-la em voz muito alta: ‘*Li-ber*...’

— Cala a boca, bobalhão! — exclamou o pai, quase em pânico. E, puxando com força a mão do filho, levou-o, quase de arrasto, rua abaixo. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 484).

Por outro lado, como forma de apreender melhor os acontecimentos, o narrador delega a voz a outros personagens. Essas vozes narrativas estão presentes nos diários, uma forma de particularizar cada “olhar”. Como no segundo capítulo, a voz é cedida ao francês Gaston Gontran d’Auberville, que relata a sua vinda ao Brasil, em seu diário: 24 de abril.— Cruzamos esta manhã o Rio Uruguai, numa balsa, e entramos em território do Brasil”. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 3).

Do *Jornal de Antares* do Prof. Martim Francisco Terra, temos um relato geral da vida em Antares reunido em trinta e nove páginas. Nele as pessoas são analisadas sob um “olhar diferente”, de quem não pertence àquela comunidade. Sobre o relato do “incidente”, o

narrador cede a voz ao jornalista Lucas Faia, que assim inicia seu diário: “Foi na última sexta-feira 13 deste cálido e, já agora, trágico dezembro”. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 258).

Do “diário íntimo” do Pe. Pedro-Paulo temos o seguinte: “13 de dezembro. Cinco e quinze da tarde. Confusão de espírito entre os fantásticos acontecimentos do dia”. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 290).

O uso do diário para o registro de fatos ocorridos possibilita a legitimação desses fatos, uma vez que o diário, enquanto um expediente de registro pessoal e confidencial, tem em si a marca da verdade de quem o faz. São nos diários que supostamente se encontram os mais verdadeiros relatos confidenciais. Temos a impressão de que neles o sujeito se despe por inteiro, deixando-se revelar tal e qual como é. Neste caso do *Incidente em Antares*, o registro em diários, além da confirmação do “acontecido”, alcança uma dimensão maior que é a do verdadeiro, ou seja, do registro da verdade, ainda que pessoal e particular, mas que legitima o fato em si.

No Capítulo XL, o próprio narrador, por saber tudo, informa o que Lucas Faia registraria em seu Artigo, uma outra forma de transferência da sua voz: “o que aconteceu naquele momento seria narrado mais tarde por Lucas Faia no artigo mais importante de sua vida, nos seguintes termos;[...]”. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 325).

É dessa forma que as vozes narrativas vão se intercalando, ora sob a perspectiva do narrador, ora sob o olhar de quem experimentou o acontecimento, cuja emoção é mais acentuada e comprometida com as suas posturas. Este fato termina por oferecer maior credibilidade ao acontecimento, uma vez que a voz mediadora é a que vivenciou o relato.



Outro fator que Genette (1979) apresenta é com relação às distâncias temporais. Para ele, o tempo desempenha um papel importante na narrativa, chegando a desprezar o espaço, pois necessariamente devemos narrar uma história em algum tempo, seja num tempo presente, passado ou futuro e, a partir daí observar a sua posição na história, enquanto que podemos ter narrativas sem determinar o lugar onde os acontecimentos se passam.

Encontramos em *Incidente em Antares* o tempo pretérito, pois essa narrativa começa com o surgimento da fictícia cidade de Antares, nos idos de 1830 até atingir 1970, após o “incidente”.

É com esse tempo pretérito que o narrador de *Incidente em Antares* vai construindo sua história, ou seja, um tempo já vivido – passado, tornando-o presente do ponto de vista do narrar. Um narra que obrigatoriamente se situa no plano da história, a qual, por natureza, está submetida a um tempo.

Segundo Nunes (1988, p. 28), “[...] pluridimensional é o tempo da história”. Assim ele prossegue:

Que permite retornos e antecipações, ora suspendendo a inversibilidade, ora acelerando ou retardando a sucessão temporal, não só em virtude do fato de que pode ser detectado em longos período de duração, compreendendo épocas e gerações, ou encurtando em dias, horas, ou minutos como no romance [...].

Durante o “incidente” – que compreende toda a segunda parte do romance, temos o registro das sete mortes, passando pelo não-sepultamento, o confronto com as autoridades no coreto da cidade, até o término da greve de todos os operários da cidade.

O “incidente” propriamente dito inicia na manhã de 13 de dezembro de 1963, com a volta dos mortos às suas casas e termina no dia seguinte, com os seus sepultamentos. Nesse momento, o narrador pára de narrar a história principal para contar a ida de cada um dos sete

insepultos a seus antigos lares. O que percebemos é uma parada na história principal, por conseguinte no tempo – o tempo do encontro com as autoridades da cidade, para que se registrasse a reclamação deles. Esse tempo vai ser preenchido com o retorno dos “sete” às suas casas – o que vai gerar novas histórias que se entrelaçarão ao “incidente”.

Por meio da fala da personagem Cícero Branco, que parece ter assumido o comando do grupo, orientando-os para que voltem aos seus respectivos lares e retornem ao meio-dia, teremos o preenchimento do tempo principal:

— Bom. Nossa presença, ao que parece, já foi notada na cidade. Agora, que cada um faça o que entender: que vá rever os seus afetos ou assombrar os seus desafetos. Repito que o importante é que ao meio-dia em ponto todos venham sentar-se nos bancos do coreto da praça e lá me fiquem esperando quietos e, se possível, em silêncio.” (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 263).

Essa volta vai ser desenvolvida em nove capítulos, com histórias conectadas à principal. Esses sete capítulos são dirigidos a cada um dos membros dos grupos, como destacamos a seguir:

- | | | |
|--|---|-----------------------------------|
| 1. Cap. XXII | – | a volta de D. Quitéria Campolargo |
| 2. Cap. XXIII e XXIV | – | a volta de Dr. Cícero |
| 3. Cap. XXV | – | a volta de Barcelona |
| (Cap. XXVI – dedicado a Dr. Cícero na Prefeitura) | | |
| 4. Cap. XXVII | – | a volta de Menandro Olinda |
| 5. Cap. XXVIII | – | a volta de Erotildes |
| 6. Cap. XXIX | – | a volta de Pudim de Cachaça |
| (Cap. XXX – dedicado ao diário do Padre Pedro Paulo) | | |
| 7. Cap. XXXI | – | a volta de João Paz |

O confronto entre as autoridade e os sete insepultos só vai ocorrer no Capítulo XLIV, quando, a partir daí, tudo vai se revelar. Agora o povo tem a oportunidade de ver as denúncias das “falcatruas” e dos “desmandos políticos” que são praticados pelos representantes e defensores da lei de Antares.

A parada proposital no romance tem por objetivo informar-nos sobre a vida e os conflitos de cada um dos insepultos, pois na hora do “confronto”, quando tudo vem à tona, já somos conhecedores do que foi praticado pelas autoridades ou por algum parente, bem como o que fizeram no passado.

Na obra, a analepse, recurso narrativo proposto por Genette (1988, p. 230), “[...] desempenha funções muito diversas na orgânica do relato”. É o que percebemos em *Incidente em Antares*, ao iniciarmos sua leitura: o romance vai narrar um episódio ocorrido no dia 13 de dezembro de 1963, só desenvolvido na segunda parte, no Capítulo XLIV. Daí a analepse ter como função “[...] recuperar eventos, cujo conhecimento se torne necessário para se conferir coerência interna à história” (REIS; LOPES, 1988, p. 230), assim como quando o narrador se encarrega de contar em sete capítulos a volta dos mortos às suas casas, pois só assim compreendemos os seus dramas pessoais, os quais farão parte de uma colcha de retalhos a ser exposta em praça pública.

Outra forma de marcação do tempo é por meio das datas – um tempo cronológico. Essa é, também, uma característica forte em *Incidente em Antares*, como se o conhecimento delas viesse a engendrar melhor o tecido narrativo. Vejamos a importância da datação nessa referência de Bosi (1992, p. 20):

Assim também é a data para a cisão retrospectiva do narrador. Os fatos se passaram uns depois dos outros. Para contá-los, isto é, narrá-los, é preciso também contá-los, isto é, enumerá-los. Contar é narrar e contar é numerar.

Contar o que aconteceu exige que se digam o ano, mês, o dia, a hora em que o fato se deu. O ato de narrar paga tributo ao deus Chronos.

Com essa visão cronológica, apontamos abaixo alguns trechos do romance, cuja datação assume um caráter maior para a composição da narrativa:

- 24 de abril – cruzamos esta manhã o Rio Uruguai, numa balsa, e entramos em território do Brasil – (Ano 1830-1831 – registro do francês Gaston Gontran d'Auberville) – Cap I (VERÍSSIMO, E., p. 3).
- Conta o missionário nessa missiva, datada de 4 de dezembro de 1832, que cruzou o Rio Uruguai e chegou ao Povinho de Caveira [...] – Cap. IV (VERÍSSIMO, E., p. 7).
- No verão de 1860 chegou ao conhecimento de Chico Vacariano que um certo Anacleto Campolargo, criador de gado e homem de posses, natural de Uruguaiana, ia comprar terras nas proximidades de Antares. [...] – Cap. VI (VERÍSSIMO, E., p. 10).
- Pouco depois da meia-noite, naquela Quarta-feira, 11 de dezembro de 1963, [...] – Cap. I – segunda parte (VERÍSSIMO, E., p. 191).
- Três horas da tarde. [...] – Cap. LIX, segunda parte (VERÍSSIMO, E., p. 372).
- São exatamente seis e vinte da manhã de sábado, 14 de dezembro de 1963. – Cap. LXXXII, segunda parte (VERÍSSIMO, E., p. 445).

Essa precisão na indicação do tempo real faz do romance *Incidente em Antares* uma narrativa preocupada com o homem, formulada através do tempo, um tempo em que ele constrói/destrói, harmoniza/separa, vive/morre, uma reserva de cultura, um lugar de conhecimentos, uma caverna para exploração, além de conferir à sua narrativa um grau de aproximação com o mundo real.

2.2 Cenas da história do Brasil em *Incidente em Antares*

Convém ressaltar que há muito se vem discutindo sobre a narrativa histórica e suas conexões com os gêneros literários. A História foi, durante muito tempo, considerada um



recurso da retórica – a arte de bem dizer. Todavia, por muito tempo, vimos a História somente com uma visão documental, sem levar em conta seu caráter narrativo, o que vai além da cronologia, da descrição dos eventos etc, portanto, tal como a literatura que se encarrega de contar eventos, seguindo uma cronologia, descrevendo cenas ocorridas, etc, embora revestida de diferenças, mas com limites estreitos, tênues.

Como presença marcante no romance *Incidente em Antares* registramos a ocorrência de fatos reais. Relacionamos os mais conhecidos e de grande importância para a História do Brasil:

- a Guerra dos Farrapos - p. 8;
- a Guerra do Paraguai - p. 12;
- a Assinatura da Lei Áurea - p.14;
- a Revolução Federalista - p.16;
- a Primeira Guerra Mundial - p. 28;
- Getúlio Vargas, em 1926, Ministro da Fazenda do Gabinete de Washington Luis; Getúlio eleito Presidente do Rio Grande do Sul - p. 39;
- 1930 o Congresso Nacional proclama a vitória de Washington Luis - p. 40;
- a marcha para o Rio de Janeiro, em outubro de 1930 - p. 40;
- os cavalos atados no Obelisco da Avenida Rio Branco, Rio de Janeiro - p. 41;
- 1934 nova Constituição e eleição de Getúlio Vargas para Presidência da República - p. 43;
- 1945 Promulgação do Estado Novo - p. 45;
- a Segunda Guerra Mundial - p. 48;
- o manifesto dos intelectuais e políticos mineiros pedindo a volta do regime democrático - p. 50;
- a Força Expedicionária do Brasil (os pracinhas) segue para a Itália para lutar ao lado dos americanos - p. 50;
- a Constituição de 37 - p. 51;
- a anistia a todos os presos políticos do país, inclusive do chefe comunista Luis Carlos Prestes, em abril de 1945 - p. 51;
- o surgimento da UDN – União Democrática Nacional - p. 52;

- as candidaturas do Brigadeiro Eduardo Gomes e do General Eurico Gaspar Dutra - p. 52;
- o fim da Grande Guerra e a morte de Hitler - p. 53;
- a atuação legal do Partido Comunista Brasileiro - p. 53;
- a fundação do Partido Trabalhista Brasileiro - p. 53;
- a presença do Partido Social Democrático - p. 55;
- a presença da UDN - p. 56;
- a candidatura de Getúlio Vargas ao Senado e à Câmara federais - p. 56;
- a eleição do Presidente Eurico Gaspar Dutra - p.57;
- a nova candidatura de Getúlio Vargas à Presidência da República, em 1950 - p. 59;
- a posse de Getúlio Vargas, em 1951 - p. 62;
- a pior crise política que Getúlio enfrenta - p. 72;
- os artigos de Carlos Lacerda - p. 73;
- a corrupção no Governo de Getúlio - p. 73;
- a forte presença do negro Gregório Fortunato, Chefe da Guarda Nacional de Getúlio - p. 75;
- o atentado contra Carlos Lacerda e a morte do Major Rubens Florentino Paz - p. 76;
- o conselho do General Eurico Gaspar Dutra para Getúlio renunciar - p.79;
- o manifesto dos Oficiais das Forças Aéreas pedindo a renúncia de Getúlio - p. 80;
- a licença de Getúlio Vargas - p. 83;
- o suicídio de Getúlio Vargas - p. 84.

Este recurso de entrelaçar fatos históricos, personagens reais com a ficção é comum na narrativa de Erico Veríssimo, principalmente em *Incidente em Antares*, como podemos observar na epígrafe do romance:

Neste romance as personagens e localidades imaginárias aparecem disfarçadas sob nomes fictícios, ao passo que as pessoas e os lugares que na realidade existem, ou existiram, são designados pelos seus nomes verdadeiros. (VERÍSSIMO, E., 1971, NOTA DO AUTOR).

Para o escritor Erico Veríssimo (BORDINI, 1999, p. 92), a História é um fato do qual o homem não pode fugir. É ela quem julgará o homem. O escritor também não escapa da História. Segundo o ficcionista, “ninguém escapa à História por mais que corra do calendário e da geografia. Ainda nesse sentido, Erico Veríssimo atribui à presença marcante de fatos históricos no romance, ao fato de não poder ignorar o que estaria acontecendo em seu país:

Mas não vejo como – no meu caso particular – se possa escrever sobre pessoas e fatos desta hora eliminando de caso pensado todos esses problemas e dramas que nos saltam na cara todos os dias, nas páginas dos jornais e nos noticiários de rádio e televisão: guerras, fome, injustiças, mentiras publicitárias, interesses industriais e comerciais mantidos à custa de vidas humanas, falta de liberdade, torturas policiais, etc [...].(BORDINI, 1999, p. 93).

Nesse sentido, Lucas (1989, p. 173) tece os seguintes comentários sobre a presença de elementos da História em *Incidente em Antares*:

Assim, no repositório de frases feitas e de expressões correntes e triviais da vida pública brasileira o futuro leitor haverá de encontrar bastante do nosso mundo atual. As intenções documentais do romancista são, desse modo, explícitas.

Assim, o leitor facilmente identificará na história da vida política brasileira os fatos que vêm sendo contados e, aliados a estes, reconhecerá o estágio em que se encontra o país. Com isso, o que se verifica é um jogo de informações, ainda que não oficiais, capaz de colocar o leitor na condição de um analista do processo político-social do Brasil.

Essa apropriação do real para integrá-lo ao romance não significa a representação fiel e objetiva dos fatos, mas a possibilidade de trazê-lo à luz, sujeito a diferentes leituras, a novas reflexões para o leitor tomar consciência histórica. No Capítulo XLIX, que narra o diálogo entre o Cel. Tibério Vacariano e o editor do Jornal de *A Verdade*, Lucas Faia, podemos observar os comentários sobre a ciência História, que o Coronel diz não conhecê-la,

após reclamar do “tratamento” que vem sendo dado ao Presidente da República Juscelino Kubitschek, pelo matutino. Eis o diálogo:

- O senhor sabe, coronel, como eu acato as suas opiniões ... Como forte acionista d’ *A Verdade*, o meu ilustre amigo tem todo o direito de dizer o que está e o que não está certo na orientação do jornal. Então acha que o Presidente Kubitschek está fazendo um mau governo? [...]
- Mau? Péssimo. Perigosíssimo. O país não aguenta as loucuras desse homem. Onde se viu construir uma capital a todo vapor, remetendo o material por via aérea? Então você acredita mesmo que ele vai inaugurar essa tal capital antes do fim do mandato?
- Coronel, eu acredito, mas posso estar errado. Agora, há alguém que nunca se engana. Só essa entidade poderá dizer a última palavra no caso.
- Quem é?
- A História.
- Não é pessoa das minhas relações... (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 97- 98).

Ao falarem da História – a ciência, ficam claros a autoridade e o caráter de verdade atribuído a ela, o que nada agrada ao Coronel Tibério, daí a sua atitude de “desconhecimento”, de “desprezo”, uma atitude de rebaixamento motivada por saber que também seria alvo dessa entidade. Por outro lado, podemos inferir uma outra análise, ao verificarmos no romance os modos como se faz a História de uma sociedade, principalmente a de Antares – uma sociedade problemática, na qual os poderes constituídos estão representados por pessoas inescrupulosas, que fazem do bem – público uma extensão de suas propriedades privadas, que dão a cor e o tom de acordo com o que melhor lhes convém.

É assim que vemos a preocupação do narrador do *Incidente em Antares* de delegar a voz narrativa a um outro personagem da história, para deixar bem claro como este registraria um fato sempre de acordo com o seu interesse, seu olhar. Por exemplo, a personagem Prof. Martim Francisco Terra – que vem a Antares realizar um estudo sociológico, registra com toda a sinceridade tudo o que vê e pensa sobre as pessoas e a cidade, em seu livro *Anatomia duma Cidade Gaúcha de Fronteira*. Assim, ele descreve o que pensa do jornalista Lucas Faia:

O diretor do jornal é um tipo curioso. Dá a impressão de fluidez, é um homem que, como os líquidos, toma a forma do vaso que os contém, isto é, da pessoa com quem fala ou a quem serve. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 158)

Quanto às impressões da favela da cidade tomamos conhecimento por meio da narração do Prefeito da cidade, que deixa clara a sua “irritação” com o que foi dito no livro de pesquisa sobre a favela de Antares. Definitivamente, como detentor do poder instituído, ele não registraria da forma como o Prof. Martim o fez. Senão vejamos:

— E agora, meus amigos, chegamos ao trecho desta obra que mais me irritou. É o capítulo dedicado à Babilônia (por sinal enorme, desproporcional ao resto do volume). E ilustrado com fotografias horrorosas! Não tiveram nem o cuidado de inventar outro nome para a favela. Vejam esta descrição apaixonada, parcial e eu diria até política: *‘Homens, mulheres e crianças aqui vivem – se a isto se pode chamar viver – na mais terrível promiscuidade, num plano mais animal do que humano, em malocas feitas com pedaços de caixotes e de latas ... sem o mais elementar serviço sanitário ... bebendo a água poluída duma lagoa próxima ... pisando nas próprias fezes ... etc ... etc ... e comendo o que catam nos monturos de lixo da cidade’*. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 138).

Freitas (1986, p. 24) chama a atenção para fatos que não são registrados, mas que a narrativa ficcional apresenta, levando-nos a confundi-los com os reais: “[...] os dados fictícios misturam-se tão naturalmente aos dados reais que acabam por se confundir com estes”.

Na obra em análise, podemos comprovar a assertiva de Freitas. Tomemos como exemplo as reuniões que foram feitas para pôr fim ao “incidente”, precisamente a de que participou o Delegado:

— Sem querer me meter em seara alheia – diz o delegado de polícia – acho que os países costumam proclamar o estado de sítio. Ora, num estado de sítio cessam as garantias constitucionais. Proponho que a gente proceda nas próximas horas como se Antares estivesse cercada por um inimigo de morte. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 322).

Ou em outro exemplo, quando da conversa entre Xisto, neto do Cel. Tibério Vacariano, e o Prof. Martim Francisco:

- ___ E agora ... quais são seus planos?
- ___ Talvez emigrar ... [...]
- ___ Já li a inscrição na parede. Estamos (e os próprios responsáveis pelo novo governo não negam) num regime autoritário. [...]
- ___ Pode ser. Mas pelo rumo que as coisas políticas estão tomando, é de se esperar que mais tarde ou mais cedo eu esteja no número dos professores que, sob os mais variados pretextos ou sem nenhum pretexto, serão afastados da universidade por algum Ato Adicional ou decreto, sei lá!
- ___ Afastados? Mas por quê?
- ___ Suspeitos de esquerdismo ou de não colaboração voluntária com o movimento de 31 de março ... [...] ... : sou o que muitos chamam de 'liberal esquerdizante'. Ou simplesmente de 'comunista mascarado'.
- ___ Mas é ridículo!
- ___ Pense na História e me diga quando, em que tempo o ridículo não andou de braço dado com o sublime. Acho que vamos entrar numa era de denúncias. Será a "hora do dedo duro". Teremos uma caça às bruxas. E eu sou geralmente considerado uma bruxa! (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 146, 147).

Para Freitas (1986, p. 236), embora esses fatos:

[...] escapem à 'verificabilidade', os episódios fictícios resultantes da situação histórica se mostram possíveis, já que são verossímeis, e servem principalmente para melhor caracterizá-la, visto que constituem em geral atos típicos de uma situação revolucionária. Podem portanto ser interpretados como amostras daquilo que a História não conta, mas que poderia ter ocorrido.

Quanto à presença de personagens reais da História, na narrativa ficcional, poderíamos assinalar, em *Incidente em Antares*, a do jovem Getúlio Vargas, ou ainda, a alusão feita ao escritor Jorge Amado e ao próprio Erico Veríssimo, sem falar na do Brigadeiro Eduardo Gomes, General Eurico Gaspar Dutra, Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek, João Goulart, Jânio Quadros, entre outros, para garantir a história que está sendo narrada um aspecto crível mas, ao mesmo tempo, que possibilite um questionamento sobre os valores que foram passados sobre essas personagens pela História Oficial. Assim registrou Freitas (1986,

p. 33): “[...] cada um desses personagens encarna uma determinada corrente ideológica, é a concretização material de conceitos abstratos [...]”, que cabe para o exame do romance.

Com isso, as situações reais apresentadas servem para representar uma sociedade numa determinada época, com suas angústias, posturas ideológicas, estados de miséria e abandono, e feitos heróicos. É o homem no seu “tempo”, o homem daquele “tempo”. Uma forma de olhar o passado histórico, de denunciar, de marcar posturas e comportamentos sociais.

As situações reais apresentadas no romance *Incidente em Antares* tomam uma nova dimensão, a partir da volta dos sete mortos, que caracteriza o incidente propriamente dito. A volta dos sete mortos insepultos possibilita reportar-nos ao fantástico – do grego *phantastikós* e do latim *phantasticu*, oriundos de *phantasia*; “refere-se ao que é criado pela imaginação, o que não existe na realidade, o imaginário, fabuloso”, (RODRIGUES, 1988, p. 9). Portanto, falar de fantástico implica a associação de algum fato sobrenatural, sem explicação; um fenômeno que transita entre o ilusório, motivado pelos sentidos, e o real, sem uma explicação lógica. O que dizer do aparecimento de quem já morreu? No romance *Incidente em Antares*, o fantástico se caracteriza pela presença de sete mortos que voltam para reivindicar seus sepultamentos.

Para fundamentar melhor nossa tese, tomamos o conceito de “fantástico” proposto por Todorov que considera que “[...] há de cada vez o “mistério”, o “inexplicável”, o “inadmissível”, que se introduz na “vida real”, ou no “mundo real”, ou ainda na “inalterável legalidade cotidiana”. (1975, p. 32). Ele acredita ser a hesitação a condição ímpar para a existência do fantástico. Assim, encerra sua observação, após discorrer e estabelecer diferenças entre o fantástico, o estranho maravilhoso e real:

[...] o fantástico se fundamenta essencialmente numa hesitação do leitor – um leitor que se identifica com a personagem principal – quanto à natureza de um acontecimento estranho. Esta hesitação pode se resolver seja porque se admite que o acontecimento pertence à realidade; seja porque se decide que é fruto da imaginação ou resultado de uma ilusão; em outros termos pode-se decidir se o acontecimento é ou não é. (TODOROV, 1975, p. 165-166).

A partir destas observações, retomemos o romance *Incidente em Antares* que, em sua segunda parte, narra a volta de sete mortos, após terem sido deixados no cemitério da cidade, em virtude de uma greve geral dos trabalhadores. Como encarar a volta à vida de sete pessoas mortas, como no caso do romance? Podemos esperar da população muita correria e confusão, pois, além da presença dos mortos, havia as marcas de decomposição da matéria e de seus corpos exalava um cheiro insuportável. D. Clementina – moradora da cidade, foi uma das primeiras a detectar esta “volta”, como nos relata o narrador do romance:

[...] depois olha para a esquerda, divisa um grupo que vem descendo pelo meio da rua, em marcha lenta e silenciosa ____ Ué? bloco de carnaval em dezembro? ... [...] Ao reconhecer naquelas faces cadavéricas as fisionomias de sua freguesa Quitéria Campolargo e do Dr. Cícero Branco ... santo Deus! ____ D. Clementina abre a boca, solta um vagido, sente que o mundo se vai aos poucos apagando, deixa cair o vaso, que se parte em cacos contra o soalho, suas pernas se vergam e ela tomba, primeiro de joelhos e depois de borco. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 256).

Depois de D. Clementina tantos outros foram percebendo a presença dos mortos, como podemos destacar, a partir de alguns registros do diário do jornalista Lucas Faia, personagem da obra:

Foi na última Sexta-feira 13 deste cáldo e, já agora, trágico dezembro. [...] Tudo parecia em paz no mundo. [...] ao se aproximarem do cemitério, eles viram, estupefatos uns, incrédulos outros, erguerem-se de seus féretros os sete mortos que estavam insepultos por culpa desses mesmos grevistas. Tomados de pânico os operários romperam em fuga desabalada. Um deles tombou vítima dum colapso cardíaco, felizmente não fatal. [...] Testemunhas visuais (e olfativas) do fato são unânimes em afirmar que os defuntos se moviam de maneira rígida, como bonecos de mola que alguém – Deus ou o diabo? – tivesse dado corda. [...] Causou estranheza o fato de seus corpos não produzirem nenhuma sombra.

[...] Só na Voluntários da Pátria o fúnebre cortejo causou mais de vinte vítimas, das quais as primeiras foram a veneranda viúva D. Clementina Montenegro e o Sr. Viridiano Fonseca.

[...] O vigário caiu de joelhos, pálido de horror, ambas as mãos segurando o peito. [...] Ao recobrar a voz, o padre acercou-se do microfone, ergueu os braços e bradou: “Sete mortos acabam de ressuscitar e sair de seus caixões. É o Juízo Final! Deus Todo-Poderoso vai começar o julgamento dos vivos e dos mortos. Arrependei-vos de vossos pecados enquanto é tempo! Ó Senhor, tende piedade de nós. Oremos! Oremos! Todos de joelhos. Oremos!”

[...] O clamor então foi geral. Mulheres romperam a gritar, algumas rojaram-se ao chão e rolaram em ataques histéricos, uma delas rasgou as próprias vestes, ficando seminua e escabelada. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 258, 259, 261).

Como observamos, a cidade de Antares foi tomada por uma onda de medo, pavor, confusão, mortes, tudo motivado pela presença dos mortos. O fato é misterioso, inexplicável e inadmissível. Com essa visão, podemos destacar apenas o medo, o horror, ou simplesmente a curiosidade, como uma função primeira do fantástico.

Mas qual o significado da volta destes mortos, ou, o que pretendia o autor ressuscitando os setes defuntos? As respostas parecem claras, basta conhecermos o que os mortos vieram fazer e o que disseram dos vivos, especialmente dos que governavam Antares. Segundo Penzold, “[...] para muitos autores, o sobrenatural não era senão um pretexto para descrever coisas que não teriam nunca ousado mencionar em termos realistas”. (apud TODOROV, 1975, p. 95). Essa atitude corresponde à função social que é assumida pelo grupo dos mortos, pois cabe a eles denunciar em praça pública o que o povo já sabia, mas que nunca havia sido dito. Com a palavra o Dr. Cícero Branco – ex-companheiro dos governantes da cidade:

E vós, antarenses, aproximai-vos o mais possível do coreto para ouvir melhor, pois o que vou revelar agora é do nosso maior interesse! A julgar pelas palavras do prefeito municipal e do promotor público, nossa presença é indesejável na cidade, incômoda aos seus habitantes. (...) Vossa repulsa e vossa má vontade para com nossos corpos nos outorga a liberdade de dizer o que realmente pensamos de vós. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 340-341).

Nas páginas seguintes do romance, todas as figuras de destaque da cidade são denunciadas, enquanto os mortos permanecem isentos de qualquer reação adversa, embora isso tenha sido cogitado. Mas como calar quem morreu, ou, mesmo prendê-lo? Bem que tentou o prefeito depois de ter sido alvejado com as declarações bombásticas de Cícero Branco:

— Delegado! – exclamou o prefeito – Prenda esse canalha mentiroso! [...]
 — Como pode um homem que faleceu no dia 11 de dezembro – pergunta o juiz de Direito – depor no dia 13 desse mesmo mês [...]. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 350).

Punir um defunto é impossível como sabia o jurista-defunto, Dr. Cícero: “— Ora, ora, meu caro magistrado, a morte me confere todas as imunidades. Estou completamente fora do alcance da lei e dos homens”. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 350)

Voltando à função social do fantástico, Todorov (1975, p. 167) vai mais além e relaciona essa “licença” como motivo para contestar outros tipos de censuras. Para ele, “[...] mais do que um simples pretexto, o fantástico é um meio de combate contra uma e outra censura”.

Confirmando o que afirma Todorov, com a volta dos mortos, tudo é possível de ser dito e de ser esclarecido – a quebra de censuras: nomes chulos, preferências sexuais dos personagens, casos de bigamia etc são declarados pelos mortos. Dessa forma, com o sobrenatural, as máscaras caem, se desfazem para dar lugar à verdade. Mesmo quando o mundo em que vivemos é que está sendo pensado.

Outra marca interessante de distinção do fantástico é a que trata da relação de apagamento do limite entre sujeito e objeto. Numa visão racional, o homem se relaciona com outras pessoas e com objetos, no entanto “a literatura fantástica abala esta separação abrupta” (TODOROV, 1975, p. 125). Isto se dá, por exemplo, quando ouvimos uma música, mas não

existe o instrumento musical exterior ao ouvinte. No Capítulo XXVIII de *Incidente em Antares*, embora exista o instrumento musical, os moradores vizinhos ao sobradinho de azulejo, antiga morada do suicida Menandro Olinda, escutam uma música “saindo” daquela localidade, ou seja, temos um caso típico do sobrenatural: um instrumento que toca “sozinho”. Vejamos o que nos diz o narrador:

O som do piano enche a sala, escapa-se pela janela. O maestro ergue-se, corre para a sacada e exclama: ____ Povo de Antares! Fariseus e filisteus! Povos do mundo! Ouvireis agora a Appassionata, de Ludwig van Beethoven, interpretada de além-túmulo pelo virtuoso Menandro Olinda! (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 282)

Verificamos esse fato também na revelação de um morador:

Sou um homem simples, mas não tenho medo da verdade. Por esta luz que me alumia, juro que vi o cadáver do Prof. Olinda subir essas escadas (e os degraus por sinal rangiam) e depois ouvi o homem tocar lá em cima a música que costuma bater todos os dias, desde que mudei para cá o meu salão, faz uns dez anos. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 452).

Passado esse tempo de confusões, os mortos foram sepultados. Mas o que fazer e como “apagar” da memória do povo estes terríveis acontecimentos, principalmente depois que a imprensa da Capital chegara para registrar o fenômeno? Para Todorov, a falta de uma explicação é que caracteriza ainda mais o fantástico.

Em Antares, por mais que as autoridades tentem dar uma versão diferente para o “fenômeno”, os moradores insistem em contar o que viram e ouviram. Para os governantes, tudo não passou de um ato promocional – Antares precisava chamar a atenção do Brasil, pois seria sede de uma feira agropastoril no próximo ano; ou tudo não passou de uma alucinação coletiva, como noticiou um jornal japonês. Então, resta ao “incidente” ser apagado com o tempo, um tempo que o transformará em “equívocos”, “boatos”, “ilusões”. O fenômeno

extraordinário ocorrido no dia 13 de dezembro de 1963, na pequena cidade de Antares, não deverá sobreviver da forma como aconteceu, em nome da História de Antares: uma história fantástica.

Outro aspecto relevante no romance é a greve, se considerarmos que o “incidente” só ocorreu devido à greve dos coveiros.

Esse temor pela greve fica evidenciado no seguinte diálogo entre o Cel. Vacariano e o Governador do Estado:

- É o governador. E aí quem fala?
- O Cel. Tibério Vacariano, de Antares. Desculpe le tirar da cama a esta hora, governador, mas a situação é muito séria.
- Que é que há, coronel?
- Hoje ao meio-dia vai ser declarada uma greve geral em Antares; indústria, comércio, transportes, força elétrica, serviços ... tudo! A cidade vai parar por completo. [...]
- Mas, doutor, estamos diante duma calamidade! Já imaginou uma cidade parada, sem luz, sem água, sem transportes? Greve *geral*!
- Pois é ... Sinto muito.
- Precisamos agir sem demora. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 192-193).

Toda essa preocupação do Cel. Tibério Vacariano reside no fato de que os movimentos grevistas eram considerados com fins políticos. Por esse motivo, muitas vezes as greves foram proibidas. No Brasil, as greves foram suspensas de 1964 a 1977, um período marcado pela ditadura e, portanto, por censura e medo.

As atitudes dos dirigentes de Antares denunciam um tempo marcado por proibições e abuso de poder. Assim declarou o Prefeito sobre a ameaça da greve:

- Quero que todos saibam que o governo municipal está preparado para repelir com energia qualquer tentativa de subversão da ordem, qualquer ato de violência, venha ele de onde vier. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 202).

A greve em Antares é por aumento salarial. Os trabalhadores se organizaram de tal forma que a cidade parou, nem mesmo os “coveiros” sob ameaça do Prefeito recuaram. O que segue é o diálogo ocorrido no cemitério diante da recusa de sepultamento:

- Mas que negócio é esse? – perguntou o major, dirigindo-se aos coveiros.
— Vocês são empregados da prefeitura. Abram já-já a porta do cemitério e sepultem o caixão de D. Quitéria Campolargo. É uma ordem do prefeito! [...]
— Eles também querem um aumento – disse o Pe. Pedro-Paulo. — Vivem com um salário de fome. Todos os três têm famílias numerosas. Há anos que ganham o mesmo ordenado miserável. (VERÍSSIMO, E., 1971, p. 218).

Depois de tanta confusão que contou com agressões, insultos, acusações, proferidas por ambas as partes, os grevistas saíram vencedores.

Convém ressaltar que é necessária a superação da idéia de que “greve” seja sinônimo de subversão da ordem, deve ser entendida como a forma que todas pessoas da comunidade conheçam e compreendam que seus direitos naturais de cidadão estejam sendo desrespeitados, que todos saibam da injustiça social que se vem praticando contra as classes trabalhadoras e os menos assistidos, ou seja, um momento especial em que a voz oprimida, esquecida, ultrajada tem de se fazer ouvir.

Como percebemos, a cidade de Antares foi governada por um grupo de pessoas inescrupulosas que só visavam seus interesses, deixando de lado o cumprimento das leis e a realização de benfeitorias na cidade. Desde a sua formação, Antares padece da falta de um bom administrador, de um grupo político capaz de empreender o seu desenvolvimento e, as tentativas de mudanças deixaram um rastro penoso àqueles que sonharam modificar o seu quadro político-social.

CAPÍTULO 3

3 O DIÁLOGO ENTRE O HUMANISTA BRASILEIRO E O TÍMON MARANHENSE

Seja como for, todas as ‘realidades’ e as ‘fantasias’ só podem tomar forma através da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfos obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, vírgulas, de parênteses, páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns aos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.

Italo Calvino

A trajetória até aqui por nós percorrida foi no sentido de aproximarmos, confrontando-os, o Humanista Brasileiro e o Tímon Maranhense. É uma aproximação que se justifica pela interdiscursividade, processo no qual se incorporam temas e/ou figuras de um texto em outro. Como uma condição da linguagem, a interdiscursividade é constitutiva e não nasce do retorno às mesmas coisas, mas de um trabalho sobre outros discursos.

Nesse sentido, a interdiscursividade presente nas obras *O Jornal de Tímon* e *Incidente em Antares* se dá no campo político, a partir do comportamento do homem em cada texto, em que, de um lado João Francisco Lisboa valoriza o estudo dos partidos políticos para a compreensão da sociedade enfatizando o bem e o mal como princípios inerentes à própria natureza humana e, do outro, Erico Veríssimo enfatiza a natureza do homem enquanto ser político, dividida entre o bem e o mal.

Um aspecto a ser considerado é o fato de seus distanciamentos no tempo e no espaço e, mesmo assim, produzirem um diálogo capaz de responder a tantas inquietações. O

nordeste e o sul, aqui ficcionalizados, por meio do *Jornal de Tímon* e do *Incidente em Antares*, respectivamente, se constituem num tecido rico em informações, cuja amplitude leva-nos à compreensão do Brasil que, independente de uma situação espaço/temporal, experimenta os mesmos dilemas humanos.

3.1 O elemento político-social

Não resta dúvida de que os textos até aqui analisados revelam uma engrenagem social. A partir desse foco, iremos perceber as suas estruturas e seus mecanismos. Vale acrescentar que, mesmo estando diante de dois autores diferentes, textos e épocas, a incidência daquilo de se poderia chamar de “regionalismo”, tanto em João Francisco Lisboa, notadamente na fixação do homem maranhense, como em Erico Veríssimo, na fixação da tradição gaúcha, com os seus costumes, tipos e linguagens locais construídos, assumem uma dimensão maior, ultrapassando seus ambientes e vislumbrando a condição do homem, um homem integrado na humanidade.

O elemento político e social tem sido nossa busca incessante em João Francisco Lisboa e Erico Veríssimo. Para realizarmos essa leitura *pari pari*, partimos de aspectos que nos pareciam comuns nessas obras: Esses aspectos relacionamos abaixo, para em seguida ressaltarmos seus significados, segundo nossa compreensão.

Na obra *Jornal de Tímon*, João Francisco Lisboa realiza um estudo sobre os partidos políticos do Maranhão. Nesse estudo, o jornalista deixa claro que o bem e o mal são inerentes ao homem. O exame parte dos tempos antigos para chegar aos tempos atuais (da sua época). Tempo dos senhores Afrânio e Bávio, dois chefes políticos rivais. Para registrar os

acontecimentos, João Lisboa faz uso da transferência da voz narrativa. A imprensa, destaca o autor, serve para promover os partidos políticos. Na sua visão, o dia da “eleição” é um espetáculo à parte. Os registros históricos dão credibilidade ao texto. A ironia e a carnavalização, presentes no *Jornal*, compõem o estilo do autor, em que ambas revelam a sua consciência crítica.

Já *Incidente em Antares*, de Erico Veríssimo, é uma obra ficcional, que conta-nos a história de uma pequena cidade gaúcha, dividida entre o bem e o mal. A cidade é examinada pelo Professor Martin Francisco. A voz narrativa inicia falando de tempos antigos para chegar aos tempos atuais. Tempo de rivalidades, que iniciou com Chico Vacariano e Anacleto Campolargo, dois chefes políticos. O narrador do romance faz uso da transferência da voz. A presença de registros históricos na narrativa oferece uma visão da experiência humana do mundo real. A imprensa vive a serviço dos partidos políticos. O “incidente” se traduziu num espetáculo. A ironia e a carnavalização, presentes no romance, servem para ressaltar o momento político.

Sabemos, no entanto, que, quanto mais rica for a produção literária de um autor, maior será o número de dados que ela oferecerá para a descrição de determinadas épocas, de classes sociais, de seu folclore etc. Isso implica a utilização de procedimentos literários e, por conseguinte, a relação direta do seu produtor com as circunstâncias reais de sua época.

João Francisco Lisboa e Erico Veríssimo viveram em épocas e lugares distintos, o que, naturalmente, vai revelar em seus textos maneiras e tons diferentes nos seus discursos, quer pela “época” experimentada, que assim exigia, quer pelas suas opções de construções, análises e exposições, conforme podemos comprovar, pelo quadro que segue:

Categorias	João Francisco Lisboa	Erico Veríssimo
▶ a obra	• tem como tema principal a ação do homem, a partir da organização dos partidos políticos	• tem como tema principal os conflitos sociais e ideológicos
▶ a linguagem	• dura, certa, irônica e comprometida	• maleável, branda e disfarçada
▶ o estudo	• Tímon realiza de forma objetiva e clara – todos os membros da comunidade sabem	• Prof. Martin Francisco realiza de forma “velada” – os detentores do poder não sabem
▶ o homem	• aspecto dual – o bem e o mal lhe são inerentes	• os homens ou são bons ou são maus
▶ o povo	• peça importante para compreensão do jogo político	• figura apenas como expectador
▶ os temas históricos	• são analisados criticamente	• são arrolados
▶ os partidos políticos	• são examinados minuciosamente	• são apresentados
▶ a imprensa	• a serviço dos partidos políticos e dos detentores de poder econômico	• a serviço dos partidos políticos e dos detentores de poder econômico
▶ as cartas/os diários	• espaço para leitura crítica do homem	• espaço de registro dos acontecimento
▶ a ironia	• são o retrato do momento histórico do Maranhão	• são os olhares particulares dos antarenses e seus moradores
▶ a carnavalização	• se realiza concretamente • declarada e mostrada nos dias das eleições	• se percebe • infere-se no dia do “incidente”
▶ a voz narrativa	• predominância de um narrador nomeado, Tímon • faz uso de delegação da voz, através dos jornais e cartas • presença de um segundo narrador, em alguns momentos, que faz considerações sobre o primeiro	• predominância de um narrador em 3ª pessoa • faz uso de delegação da voz, através dos jornais e diários

Quadro 2 – Quadro comparativo dos discursos

Com base nesses dados, depreendemos que João Francisco Lisboa, com o seu *Jornal*, primando pela pintura de costumes políticos, termina por se manifestar mais

contundente do que Erico Veríssimo, com o seu *Incidente*. Comportaria, então, perguntarmos: o que teria levado Tímon a ser tão profundo? É claro que a situação do Maranhão da sua época não era nada amena. Assim como na década de setenta, período de publicação do *Incidente*. O Brasil ainda experimentava as atrocidades e violências, que todo governo ditatorial empreende, o que poderia justificar a forma de apresentação da obra de Erico Veríssimo, pois não haveria de ser de outro modo. Ainda assim, percebemos no romance *Incidente em Antares* um texto de alcance político e social.

Em *A Liberdade de Escrever*, livro de entrevistas concedidas por Erico Veríssimo, organizadas por Bordini, um entrevistador lhe pergunta: “[...] qual a importância da realidade histórica para a sua literatura?” Erico Veríssimo responde da seguinte forma:

Ninguém pode fugir à História[...] e lá se foi o primeiro lugar-comum. Clara ou oculta, essa “senhora” está presente em todos os meus romances.(...) No meu caso particular, tenho sido naturalmente levado em minhas ficções para problemas políticos que vivi, em geral, como espectador. (2000, p. 164)

Já Furlan (1970, p. 6) declara que:

Em sua longa carreira literária, Erico Veríssimo (EV) manifestou-se, muitas vezes, a favor da liberdade e dos direitos do homem e contra todas as formas de opressão. Convicto de que a Literatura tem importante missão sócio-política a cumprir e de que ao literato não cabe apontar soluções para os males mas tão-somente denunciá-los, transformou seus três últimos romances – O Senhor Embaixador, O Prisioneiro e Incidente em Antares – em instrumentos de crítica, demonstrando a insensatez da guerra, da violência, da tirania, da opressão e do cerceamento à liberdade.

Outra forma de trazer a público os problemas políticos e sociais, encontrada por Erico Veríssimo, foi o “fantástico”, uma maneira de criar confusões generalizadas nas pessoas, um jeito particular de o autor exprimir-se, fortalecendo a sua preservação num

período em que no país não havia garantia de liberdade. Por isso, a busca por técnicas narrativas para revelar, questionar, contestar o que vinha acontecendo sem se deixar prisioneiro da censura.

João Francisco Lisboa, pela forma de expressão, pela natureza de seu texto, pelo momento em que vivia, realiza um estudo minucioso do fazer político no Maranhão, com a pretensão de formar seguidores, de modo a construir um novo modelo político-social. A sua voz pesada, o seu julgamento e a sua ousadia colocam-no à frente do seu tempo. Naquela época, a sociedade maranhense viu-se vasculhada pelo olhar crítico de Tímon, pela análise e pelas denúncias certeiras.

3.2 O Jornal e o Incidente

O *Jornal de Tímon*, de João Francisco Lisboa e o romance *Incidente em Antares*, de Erico Veríssimo se ocupam da matéria da vida, em que as questões sócio-políticas e históricas são trazidas a público de modo diverso. Enquanto no primeiro temos no seu formato – um texto para jornal, na linguagem – maior objetividade, a análise do homem – motivo primeiro e único do texto como exemplificação, no segundo, temos no seu formato – um texto ficcional – um romance, na linguagem – maior polissemia, a análise do homem – como um acontecimento.

O *Jornal* realiza um estudo sobre os partidos políticos e a história do gênero humano, “mas o seu fim primário ficará sendo sempre a pintura de nossos costumes políticos” (LISBOA, [198– ?], p. 10), pois acredita Tímon que todos os acontecimentos em São Luís são motivados pela atividade política.

Já *Incidente em Antares* oferece a compreensão dos universos políticos e sociais em Antares, cidade pequena e fictícia ambientalizada no romance, que tomamos como a metáfora do Brasil daquela época. Um Brasil que estava governado sob o AI-5, marcado por ausência de direitos e liberdades e carregado de terror, perseguições políticas e censuras.

Nos dois textos, encontramos a luta do bem e do mal. De um lado, temos o bem e o mal como inerentes à condição humana, como aponta João Francisco Lisboa. Do outro lado, temos o bem e o mal em confronto, como tudo ocorre na cidade de Antares. São essas duas particularidades do gênero humano que vão servir de motivos para as narrativas. Um homem como um ser político e social, marcado na maioria das vezes pelos sentimentos atrozes, capaz de perder sua dignidade, de corromper-se e, ao mesmo tempo, de ser honesto, de respeitar e derrubar valores morais e sociais.

Os dois textos em análise se comunicam pela forma como apresentam diversos temas, a exemplo de “corrupção política, social, econômica”, “práticas de torturas”, ou “conflitos sociais ideológicos”.

Dessa forma, os autores vão produzindo a realidade na qual estão vinculados, ainda que essa realidade seja apenas mimética. Nesse sentido, Julia Kristeva (1974, p. 62), analisando a obra de Mikhail Bakhtin no tocante ao texto e à palavra literária, toma-os como “um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo do autor, do destinatário e do contexto social em que ambos se situam”. Assim, o texto é a produção daquilo que o autor traduz, fruto de sua consciência, a partir de sua realidade social à qual está ligado. O *Jornal de Tímon* e o *Incidente em Antares* satisfazem essa idéia, uma vez que realizam uma leitura da história da vida política de seus habitantes.

Os dois textos produzem, ao se articularem num jogo do ficcional com o real, a política, a denúncia, a fragilidade humana, ao lidar com o poder. Essas observações ganham certo sentido, quando propomos estabelecer uma relação direta com o Brasil, principalmente com o Brasil que sofreu censuras e foi tomado por um regime ditatorial, que por sua vez, calou muitas vozes e instalou o medo.

3.3 A sátira, a ironia, a carnavalização

Pela nossa análise, podemos dizer que as obras em apreço constituem a realidade política de suas épocas. Essa realidade muitas vezes nos causa certo estranhamento, pois vemos coisas no mundo real que só imaginadas num tecido ficcional, ou seja, impossíveis de serem admitidas tal como elas se apresentam. Isso nos leva a desenvolver afinidades com o mundo ficcional, produzindo no nosso interior sentimentos estranhos, como repulsa, desconforto, rejeição.

Agimos como que tomados pela revolta, pela impotência, pelo reconhecimento das mazelas humanas. É aí que o homem, diante do quadro caótico que experimenta, termina por buscar alternativas outras que lhe compensem esse estado angustiante. Daí a sátira, a ironia e a carnavalização se fazerem presentes nesse momento como forma de extravasar o que lhe comprime e lhe tolhe. Para Fance (apud MUECKE, 1985, p. 21) “[...] o mundo sem ironia seria como uma floresta sem pássaros”, o que reforça nosso pensamento anterior.

Nesse sentido, o texto literário, como um tecido de significação, abriga a ironia, cuja marca se verifica no fato de dizer o contrário daquilo que se diz, ou seja, se diz uma



coisa, mas significando outra. Daí, podermos elaborar vários significados/interpretações para o que foi dito. O *Jornal de Tímon* e o *Incidente em Antares* são exemplos dessa natureza.

No *Jornal de Tímon*, a ironia é um elemento marcante da narrativa. Isso se verifica principalmente quando Tímon descreve os partidos políticos, a forma de barganhar prestígio com o Presidente da Província, o comportamento pendular da imprensa, a descrição física de um cidadão etc. Por isso, foi cunhado de um homem azedo, que vivia azedado

O termo azedado atribuído a Tímon tem o sentido de irônico, alguém que está sempre se colocando de forma contrária e zombeteira. E é desta forma que o percebemos em suas narrativas. Assim, descreve Tímon sobre os esforços dos partidos políticos:

A existência de alguns dos tais partidos é cousa tão problemática e impalpável, que tem acontecido asseverar um jornal que tal partido está morto e dissolvido há muito, e sair-lhe outro ao encontro, sustentando que não há tal, que o partido vive e funciona, como bem prova a voz eloqüente do jornal que lhe serve de órgão. (LISBOA, [198-?], p. 110).

Outra passagem dessa marca de Tímon é quando comenta sobre a imprensa local:

Já demos a ver a nossos leitores a imprensa política em ação e nas fases mais importantes da sua existência, à chegada de um novo presidente, por exemplo, ou durante o curso de uma campanha eleitoral. Não ousa Tímon asseverar que ela sempre conserve essa miserável fisionomia; ao contrário folga de reconhecer que tem às vezes atingido a uma elevação e nobreza de linguagem que nada teria a invejar aos estranhos, se pudesse sustentar-se por mais tempo nesse tom; mas o fugaz lampejo para logo se esvai, e tudo recai bem depressa nos costumados vezos. (LISBOA, [198-?], p. 169).

A sátira examinada nas obras cumpri aquilo que se propõe: o ataque frente ao estabelecido em função de sua insatisfação, levando os fatos ao ridículo e à gozação.

Tanto no *Jornal de Tímon* quanto no *Incidente em Antares*, o humor é abundante, dada a presença de situações anormais que se assemelham ao mundo real. Tímon é um narrador-pesquisador crítico, severo e azedado, que vai analisando o comportamento dos

partidos políticos, em que cenários e personalidades da vida real são tratados de modo a permitir que se faça uma revisão da história política. O mesmo acontece com o narrador do *Incidente em Antares*, o qual se realiza narrando as ações humanas coletivas e individuais com sentimento crítico e humor.

O *Incidente em Antares* é uma sátira corajosa, que se realiza em plena ditadura militar instalada no Brasil, em 1964. O “incidente” de que trata o romance acontece numa sexta-feira, no dia 13 de dezembro de 1963, data que remete à publicação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), cujo alcance produziu no Brasil um clima de insatisfação, de promulgação de leis arbitrárias e atos institucionais, que serviram para por fim às liberdades institucionais e às garantias individuais. Foi um tempo em que a censura prevaleceu nos meios de comunicação e nas artes em geral. Tempo de perseguições às pessoas contrárias ao sistema instituído. Tempo de torturas e assassinatos. Enfim, um tempo de total repressão.

Assim, o romance *Incidente em Antares* caminha por esse viés, enfocando satiricamente os desmandos e as atrocidades políticas institucionalizadas, visivelmente reconhecidas no mundo real, ainda que o seu transcurso vá da cidade pequena para chegar à metrópole, uma alusão clara do Brasil, um paralelo difícil de não ser sugerido. Para SILVERMAN (1995, p. 261):

Erico Veríssimo parodia o próprio Golpe de 1964, e, de forma tangencial, sua base de apoio e eventuais políticas repressivas. É seu trabalho final, seu romance mais político e, embora publicado no auge do AI-5, a história se passa em 1963, com celebridades da vida real do período tecidas no pano de fundo.

Em o *Jornal de Tímon*, a eleição no Maranhão é vista por Tímon como um grande espetáculo. Fatos e situações peculiares fazem desse dia um acontecimento extraordinário. Para Tímon, os valores se invertem, é o povo quem manda, quem tem voz, a cidade toda se modifica. Vejamos:

À proporção que se vai aproximando o grande dia eleitoral, se a época acerta ser de exaltação, como na presidência do Sr. Bernardo Bonifácio, vai a nossa capital tomando um aspecto desusado e inquieta, já pela violência e multiplicidade dos jornais, já pela repetição dos clubes, sessões e reuniões, e já finalmente pela aparição de figuras desconhecidas e estranhas, que invadem e passeiam de contínuo as praças, ruas, becos e travessas, todos ou a maior parte pertencentes à classe conhecida pela designação geral de patulêia, que quer dizer povo, na acepção de plebe ou gentilha. [...]

Dos bairros mais escusos da capital, dos arrebalde, e do interior da ilha e da província, acode um enxame de miseráveis, que atraídos pelo amor do ganho ou da novidade, impelidos pelas influências, se repartem em bandos, conforme o número dos partidos ou centros de reunião a que possam afiliar-se. (LISBOA, [198-?], p. 133).

Para acentuar ainda mais esse comportamento nos dias das eleições, Tímon desenrola mais um caso:

Não há espetáculo mais exótico e extravagante do que um pescador da praia de Santo Antonio ou da Madre Deus, um caboclo da Maioba ou Vinhais, que toda sua vida andou descalço, quase nu, ou apenas de calça e camisa, a pavonear-se pela cidade, de jaqueta, gravata, chapéu, botes de duraque, e o inevitável cacete na mão, todo embaraçado e mal jeitoso sob o peso incômodo da sua libré, lustrosa e garrida os primeiros dias, mas desbotada, suja e rota por fim, se a forçada liberalidade dos patronos a não renova. (LISBOA, [198-?], p. 134).

As inversões dos valores e da ordem registrados no dia da eleição são marcas daquilo que Bakhtin chama de carnavalização, ao se referir às festividades celebradas na idade média na obra de Rabelais, como aponta Barros (1994, p. 7):

Em outras palavras, com a festa, o mundo era colocado do avesso, vivia-se uma vida ao contrário, pela suspensão das leis, das proibições e das restrições da vida norma, invertia-se a ordem hierárquica e desaparecia o medo resultante das desigualdades sociais, acabava-se a veneração, a piedade, a etiqueta, aboliam-se as distâncias entre os homens, instalava-se uma nova forma de relações humanas, renovava-se o mundo.

É dessa forma que vemos a presença da carnavalização no texto timoniano, em que “o homem do povo ocupa” o lugar das famílias tradicionais, representando um papel com

começo, meio e fim, cujo tempo de duração será o da eleição. A rua, portanto, se encarrega de receber essa gente como se fora um palco montado para esse espetáculo.

Já em *Incidente em Antares*, a carnavalização encontra eco no dia seguinte à volta dos mortos insepultos, em local e horário marcados. O coreto da praça, ao meio-dia, é cenário para transgressão, para o riso, o improvável, o não-convencional, a anormalidade. São os mortos que julgam os vivos e os apresentam como eles são. Não há mais entre eles a hierarquia nem os limites naturais entre vivos e mortos. Assim, temos a inversão do poder e do saber – são os mortos que detêm o poder e sabem o que dizer. Toda a narrativa desse momento conduz-nos para um grande espetáculo.

Ainda podemos tomar o dia do “incidente” como sendo o início da presença do “fantástico”, que, por sua vez, remete-nos a um contexto político-social visivelmente dividido: de um lado a classe dominadora, que a tudo pode e realiza, e de outro, uma classe dominada, sujeita a todas as deliberações daquela. Nesse momento, temos claramente a inversão da ordem e, percebemos, dentro da narrativa as seguintes situações:

- a) os vivos são governados pelos mortos;
- b) os mortos não necessitam mais de leis terrenas e as querem;
- c) os sete insepultos, antes separados, agora formam um grupo – uma voz única, a voz dos injustiçados.

Essas, são portanto, situações carnavalizadas, que possibilitam a junção/aproximação, num mesmo espaço, de classes distintas, sem que haja entre eles os limites impostos pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] o que vemos é governado pelo modo como vemos e este é determinado pelo lugar de onde vemos.

Michael Holquist

A análise das obras *O Jornal de Tímon* e *Incidente em Antares* permitiram-nos vislumbrar um tecido narrativo capaz de oferecer um número variado de possibilidades de leituras. No entanto, fixamos nosso olhar nos elementos políticos e sociais presentes nas obras e, a partir dessa temática, pudemos verificar a presença da sátira, da ironia, do grotesco. Do tecido ficcional ressaltamos as vozes narrativas, para daí extrairmos seus aspectos discursivos. A presença de elementos da História, na Literatura, possibilitou maior compreensão do objeto literário, se levarmos em consideração o nível de representação do real, do verossímil que cada um dos autores quis ambientar.

As diferenças entre o Estado do Maranhão e o Rio Grande do Sul parecem desaparecer, à medida que direcionamos nosso interesse no aspecto político e social, uma vez que, ao aproximarmos as duas obras, estas se complementam, integram-se, inter-relacionam-se, fazendo de uma a extensão da outra ou vice-versa. Este diálogo entre os textos foi determinante para a nossa investigação já apontado desde o início do nosso trabalho.

Se no *Jornal* temos um relato mediado pelo Tímon, no *Incidente*, a voz mediadora será de um Narrador, cuja onisciência vemos declarada desde o início do romance. Por meio do foco narrativo, pudemos interpretá-lo como aquele que sabe tudo e só conta o que quer que seja contado, abusando no recurso de transferência da voz a outros personagens. Essa mudança de perspectiva ofereceu ao leitor um contato mais direto e pessoal com aquele que detém o conhecimento da história, uma história da qual foi agente.

Já o narrador Tímon, uma voz pretensa imparcial, declara que se ocupará apenas de pintar os costumes políticos. Entretanto, assim como o narrador do *Incidente em Antares*, faz uso da cessão da voz, quer por meio dos jornais, quer por meio de uma outra voz que fala sobre Tímon.

A delegação da voz narrativa, como sabemos, já vem de muito sendo empregada pelos escritores, cujos mecanismos vão desde a alusão a um documento, a um fato que tenha sido contado por outro etc., talvez para oferecer maior fidelidade à experiência humana.

Nos dois textos, os autores destacam os costumes, os valores morais, o progresso, a política e a politicagem, o homem inserido numa rede de interesses e falcatruas, cuja inclinação para romper com o instituído nem sempre se ajusta à sua capacidade de empreender novas atitudes e comportamentos.

O encontro da Literatura com a História deu-se de forma a creditar à narrativa ficcional maior verossimilhança, quer nos episódios reais, quer na presença de personagens reais. Assim, ao criar a ficção, por intermédio de um mundo imaginário, o autor foi reconstruindo a História, por meio de elementos reais, com o propósito de ressaltá-los, visando ao aparecimento de uma rede de interesses, que só a ficção deu conta. Portanto, ao arrolar fatos e personagens, os dois escritores vão revelando comportamentos e fatos da História que nem sempre estão na superfície do tecido narrativo.

O *Jornal de Tímon* de João Francisco Lisboa foi todo elaborado a partir de estudos realizados sobre as “eleições e partidos políticos – da Antigüidade até o Maranhão”. A presença de fatos históricos e personagens da História é uma marca substancial na obra. As coisas e fatos a que alude João Francisco Lisboa compõem a matéria da vida humana. O olhar timoniano recai, a partir dos quadros políticos, sobre o homem. Um homem moldado de

virtudes e defeitos. Um homem capaz de corromper e corromper-se. Um homem sanguinário e pacificador. Sentimos essa marca do homem timoniano desde a abertura de sua obra, a partir do “Prospecto”, quando, ao falar da origem do mundo, coloca “o bem e o mal, em luta incessante e permanente” (LISBOA, [198– ?], p. 9) como princípios inerentes ao homem, conforme dito anteriormente.

Como um precursor sobre a polêmica da “verdade histórica”, Tímon nos fala da possibilidade de existir e acontecer o fato sem, contudo, assumir a condição de verdadeiro. Basta atentarmos para as suas palavras acerca de um fato já mencionado por nós neste trabalho, em que registra sua preocupação com a veracidade dos fatos: “E ambos me fizeram ver com argumentos palpáveis, eloqüentes e sem réplica, que tudo quando se me havia informado era não só a pura verdade, senão muito verossímil e possível”. (LISBOA, [198– ?], p. 93).

Já no romance *Incidente em Antares*, como em outros textos de Erico Veríssimo, a dimensão sociológica ali criada, passa pela presença de elementos e fatos da vida real, que se entrelaçam no tecido ficcional de tal modo que colocam o leitor num embate permanente entre a aceitação do ficcional como verdadeiro e a do real como falso. É que no *Incidente em Antares* vemos o discurso literário estabelecendo relações intrínsecas com o discurso histórico, em sua grande maioria afastado daquilo que tínhamos como verdadeiro, ou que nos foi oferecido como verdade. Daí, a aceitação mais provável ser a literária, ainda que não se proponha a isto.

A exploração do “fantástico” e da “greve” em *Incidente em Antares*, como elementos significativos do tecido narrativo, proporcionou a descoberta do momento de maior tensão da história, em que todo o povo da cidade de Antares participa direta ou indiretamente daquele episódio, além de permitir maior liberdade de realização de críticas sociais. O

“incidente” se reveste de um caráter teatral, um grande cenário, para a celebração do que se poderia chamar de “O Juízo Final”.

Assim, com o exame do romance *Incidente em Antares*, procuramos realizar uma leitura, cuja abordagem viesse proporcionar e valorizar o texto narrativo, como um campo significativo de composição de uma época, na qual a liberdade de expressão era impossível, pois os aparelhos ideológicos serviam para impor uma “normalidade”, que não podia ser questionada; um tempo cuja liberdade, direitos e garantias significavam subversão.

Cabe-nos salientar que os textos escolhidos e trabalhados atendem àquilo que Jameson (1992, p. 15) alude, ao priorizar a interpretação dos textos literários por um viés político, pois, segundo ele, “certos textos possuem uma ressonância social e histórica – e por vezes até mesmo política.” Continuando, Jameson (1992, p. 18) afirma: “[...] nada existe que não seja social e histórico – na verdade, de que tudo é ‘em última análise’, político”.

Dessa forma, o diálogo estabelecido entre os dois autores fez-nos refletir sobre a ação do homem como um ser social e político, capaz de empreender mudanças, romper códigos morais. As duas cidades que aparecem nos dois textos constituem um duplo, com datas e cenários reconhecidos. Assim, as obras possibilitam a formulação de um conceito de mundo que os autores procuram transmitir. Um mundo construído livremente, sem que haja dependência do homem frente ao Estado ou às classes economicamente mais favorecidas.

Essas reflexões foram feitas a partir de textos e época distintas, como já apontamos, entretanto respondem aos problemas que essas sociedades vivenciaram. As narrativas reivindicam uma ordem social. Uma nova História. Os dois textos provocam no leitor reflexões de diversas naturezas.

O estudo comparativo do *Jornal de Tímon* e de *Incidente em Antares*, ainda, serviu para dialogar com o romantismo brasileiro e o modernismo, estilos de época que mais se destacaram na formação de nossa literatura

Por fim, a análise comparativa das obras pôde acentuar a atualidade dos textos, principalmente quando se toma os espaços ali ambientados como o Brasil, que, ainda registra quadros alarmantes de desigualdades sociais, corrupção, analfabetismo etc, por conta de má formação política. O que João Lisboa expressa em seu “Jornal” é um “chamamento” para que as futuras gerações possam agir diferentemente daquelas que investigou. O que Erico Veríssimo quer é que possamos olhar para sua ficção e avaliar a trajetória social que se vem empreendendo no País.



REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitárias, 1981.
- BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, J. Luiz. (Org.), **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 1994.
- BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. Tradução de N. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- BORDINI, Maria da Glória. (Org.) **A liberdade de escrever**: entrevistas sobre literatura e política. São Paulo: Globo, 1999.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales 1929-1989**. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- _____. **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magna Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.
- BURKE, Peter; PORTER, Roy (Org.). **Linguagem, indivíduo e sociedade**. Tradução de Álvaro L. Hattnher. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.
- CANDIDO, Antônio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- _____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1965.
- _____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.
- CARVALHO, José Murilo de. **Jornal de Tímon**: introdução de notas. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco narrativo e fluxo da consciência**: questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981.



- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 1996.
- CASTRO, Pedro. **Greve: fatos e significados**. São Paulo: Ática, 1986.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução M. de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Veríssimo: o escritor e seu tempo**. Porto Alegre: Ed.UFRS, 2001.
- CHERUBIM, Sebastião. **Dicionário de figuras de linguagem**. São Paulo: Pioneira, 1989.
- CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tábua rasa do passado?** Tradução Marcos A. da Silva. São Paulo: Ática, 1995.
- COSTA, Ligia Militz da. **A poética de Aristóteles: mimese e verossimilhança**. São Paulo: Ática, 1992.
- EAGLETON, Tery. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- FERNANDES, Ronaldo Costa. **O narrador do romance**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1989.
- FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Tradução Maria Helena Martins. Porto Alegre, 1998.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. A criação da história. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 04 set.1995. Jornal de Resenhas, p. 4-5.
- FREITAS, Maria Teresa de. **Literatura e história: o romance revolucionário de André Malraux**. São Paulo: Atual, 1986.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- FURLAN, Oswaldo Antônio. A expressão estética da visão sócio-política em "Incidente em Antares", **Rev. Vozes**, Santa Catarina, v. 70, n. 10, p. 5, dez. 1976.
- GENETTE, Gerard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Arcádia, 1979.



- GONZALEZ, Mario. **O romance picaresco**. São Paulo: Ática, 1988.
- HERMIDA, A.J.Borges. **Compêndio de História do Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1971.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUTCHEON, Linda. **A ironia, a sátira e a paródia**. Poétique, n. 46, [197-]
- _____. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- JAMESON, Fredric. **O inconsciente político**. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.
- KISTEVA, Júlia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LE GOF, Jacques. **A nova história**. Tradução M. Bessa. Lisboa: Edições 70, 1970.
- LEFEBVE, Maurice-Jean. **Estrutura do discurso, da poesia e da narrativa**. Tradução J.C.S. Pereira. Coimbra: Almedina, 1975.
- LEITE, Ligia Costa Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. **Regionalismo e modernismo**. São Paulo: Ática, 1978. (Ensaaios, 52).
- LETRAS, LITERATURA E HISTÓRIA. Santa Maria: Ed. da UFSM. v. ,n. 6, jul./dez. 1993. 129p.
- LIMA, Antônio Carlos. Tempos de glória. **O Estado do Maranhão**, São Luis, 15 de out. 2001. Caderno Alternativo, p. 1.
- LISBOA, João Francisco Lisboa. **Jornal de Tímon**. Brasília: Editora Alhambra, [198-?], v. 1.
- _____. **Jornal de Timon**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- LUCAS, Fábio. **Do barroco ao moderno**. São Paulo: Ática, 1989. (Ensaio).
- MACHADO, Irene A. **O romance e a voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- MEIRELES, Mário Martins. **História do Maranhão**. São Paulo: Siciliano, 2001.
- MENDILOW, A. A. **O tempo e o romance**. Porto Alegre: Globo, 1972.



MENEZES, Eduardo D. B. de. O riso, o cômico, o lúdico. **Vozes**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 1, p. 5-16, jan./fev. / 1974.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides**: breve história da literatura brasileira – I. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

MORAES, J. Quartim. O colapso da resistência ao golpe de 1964. **Revista História**, São Paulo, v. 14, p. 49-59, abr. 1965.

MUECKE, D.C. **Ironia e o irônico**. Tradução Geraldo Gerson de Sousa. São Paulo: Perspectiva, 1982.

MUIR, E. A. **Estrutura do Romance**. Porto Alegre: Globo, 1970.

NEVES, L.F. Baêta. A ideologia da seriedade. **Vozes**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 1, p. 35-40, jan./fev. 1974.

NISKIER, Arnaldo. **João Francisco Lisboa**: o Timon maranhense. Rio de Janeiro, 1986.

NORA, Pierre. **História: novos objetos**. 3. ed. Tradução Teresinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. **História: novos problemas**. Tradução Teresinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

NOVAES, Adauto (Org.). **Tempo e história**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988. (Fundamentos, 31)

PECHEAUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. **Semântica do discurso**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A revolução farroupilha**. São Paulo: Brasiliense. 1985.

PESAVENTO, Sandra et al. **Érico Veríssimo**: o romance da história. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

POUILLON, J. **O tempo no romance**. São Paulo: Cultrix, 1974.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. Tradução Aurora F. Bernardini. São Paulo: Ática, 1992.

REIS, Carlos; LOPES, Ana.Cristina. **Dicionário de teoria da narrativa**, São Paulo: Ática, 1988.



RIBEIRO, Renato Janine. A traição dos intelectuais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 out. 1996. Caderno Mais, 5º caderno, p. 10.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução Constança M. César. Campinas: Papirus, 1994. 2 v.

RODRIGUES, José Honório. **O Continente do Rio Grande**. São Paulo, 1986.

RODRIGUES, Selma Calasans. **O Fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.

ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira**. (Org.) Barreto, Luiz Antonio. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001. (Obras Completas).

SANTOS, Maria Rita. **Uma leitura pragmática do Jornal de Tímon de João Francisco Lisboa**. São Luís: EDUFMA, 2000.

SCHLOES, R., KELLOG, R. **A natureza da narrativa**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

SILVERMAN, Malcon. **Protesto e o novo romance brasileiro**. Tradução Carlos Araújo. Porto Alegre: Editora da UFSCar, 1995.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1989.

SODRÉ, Muniz. O riso-imaginário e simbólico. **Vozes**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 1, p. 31-35, jan./fev. 1974.

SOUZA, Josias de. **Os anos de chumbo revisitados**. 2. ed. Tadução M.J. Cotvasser. São Paulo: Brasiliense, 1991.

STAM, Robert. **Bakhtin da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 1992. (Temas, 20).

STARLING, Heloisa Maria Murgel. **Lembranças do Brasil: teoria política e ficção em Grandes Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Revan: UCAM, IUPERJ, 1999.

TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. Tradução Margarida Coutinho Gouveia. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas da narrativa**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução Maria Clara Correa Castilho. São Paulo: Perspectiva, 1975.

TRINGALI, Dante. **Escolas Literárias**. São Paulo: Musa Editora, 1994.

VERÍSSIMO, Érico. **Incidente em Antares**. Porto Alegre: Globo, 1971.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

VERÍSSIMO, Luis Fernando (Org.) **A liberdade de escrever: entrevistas sobre literatura e política** / Erico Veríssimo. São Paulo: Globo, 1999.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Tradução Lisboa: Edições 70, 1987.

WHITE, Hayden. **Meta-história**. Trad. José Laurênio de Melo. São Paulo: Edusp, 1995.

_____. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Tradução Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1994.



